



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

“RAINHAS DO MANGUE”: Livro-reportagem sobre as vivências de
mulheres marisqueiras em Sergipe
(Projeto Experimental)

Amauri Lima da Silva Filho

SÃO CRISTÓVÃO

OUTUBRO/2024

Amauri Lima da Silva Filho

“RAINHAS DO MANGUE”: Livro-reportagem sobre as vivências de
mulheres marisqueiras em Sergipe
(Projeto Experimental)

Memorial Descritivo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Sergipe como um dos pré-requisitos para obtenção de nota parcial referente à disciplina de COMSO393 - Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo II do curso de Jornalismo.

Orientadora: Michele da Silva Tavares

Co-Orientadora: Liliane do Nascimento Santos Feitoza

SÃO CRISTÓVÃO

OUTUBRO/2024

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a mim mesmo, por diante de todas as adversidades encontradas, ter alcançado a força necessária para não desistir do trabalho.

Ao meu astro e deusa regentes, Lua e Hecate, pelo zelo, cuidado e guia durante a trajetória de desenvolvimento do trabalho.

Aos meus pais, Amauri Lima e Sandra Prado, e irmãos, Adriel Prado e Ariadhenes Prado, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao meu amor, Lucas Souza, pelo carinho, companheirismo, atenção e compreensão durante o processo de produção. Em especial, pelos conselhos e reflexões apresentadas sobre o trabalho.

A Adriana Hora, Edenilza Nascimento e Graziela Passos, representantes de comunidades tradicionais de marisqueiras da Zona de Expansão de Aracaju, por terem me acolhido e compartilhado a vida comigo.

A Gislei Lazzarotto e Pedro Bomba, por terem sido cordiais e solícitos na etapa de pré-produção deste projeto, facilitando os caminhos para estruturação do trabalho.

Aos amigos de vida, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho. Especialmente a Mariana de Lourdes, Marco Antônio, Jamile Santana, Suyanne Carvalho, Natasha Cecília Izadora Franciele, Inglisson Reis, Vanessa Monteiro e Igor Nunes.

Aos meus amigos de Universidade, pelos quatro anos compartilhados e vividos intensamente. Em especial, a Irion Martins, Ianna Mendonça, Mateus Ferreira, Samara Letícia, Vivian Milene, Vivian Myllena, Gabriele Oliveira, Sofia Gunes, Mavi Pereira, Lorrany Amazonas, Ana Beatriz Andrade, Blenda Bittencourt, Ronicleiton Paixão, Larissa Nascimento, Franciele Oliveira e Viviane Silva.

A Mylena Duarte, colega de curso e designer, que se somou ao projeto no desenvolvimento conjunto do projeto gráfico aqui exposto. Sem você, nada disso existiria.

A professora Liliane Feitoza, por ter sido minha primeira orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade imensurável.

A professora Michele Tavares, por ter assumido minha orientação após término do contrato da primeira orientadora, e por ter sido fundamental na amarração e finalização do produto. Sua intensa dedicação, responsabilidade e amizade foram essenciais.

Aos professores do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Em especial, aos professores Vitor Belém, Josenildo Guerra, Greice Schneider, Sonia Aguiar e Demétrio Sóster, por todos os conselhos, pela ajuda e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

A todos os que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho; que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

“Corações não precisam de palavras para se entenderem”.

(The Wild Robot, 2024)

RESUMO

Este memorial descritivo apresenta o registro do processo produtivo do livro-reportagem “Rainhas do Mangue: vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe”; também apresenta a fundamentação conceitual a respeito da temática do livro-reportagem, que versa sobre questões de direito à cidade, comunidades tradicionais, jornalismo ambiental e narrativas jornalísticas de subjetividade. Além disso, apresenta o projeto editorial e gráfico desenvolvido para edição e diagramação do livro. O objetivo deste livro-reportagem é compartilhar as narrativas autênticas das mulheres marisqueiras, destacando suas lutas, conquistas e contribuições para suas comunidades e para a preservação do meio ambiente. Além disso, existe um caráter reflexivo, no sentido de ser uma publicação sobre elas, mas também para elas; para que outras mulheres marisqueiras do país possam se enxergar nessa narrativa e se emponderar na luta pelo bem-estar no manguezal. "Rainhas do Mangue" é um mergulho profundo nas histórias, desafios e conquistas dessas mulheres que moldam a cultura e a economia das comunidades litorâneas de Sergipe, através da prática ancestral da mariscagem. Este livro é um reflexo da resiliência, determinação e sabedoria de mulheres que acordam todos os dias com coragem e dignidade para viver a maré. Em suma, este livro é uma reflexão sobre as vivências da mariscagem para enaltecer as vozes dessas mulheres.

Palavras-chave: jornalismo ambiental; livro-reportagem; projeto editorial; marisqueiras; manguezal.

ABSTRACT

This descriptive memorial presents the record of the production process of the book-report “Rainhas do Manguê: experiences of women shellfish gatherers in Sergipe”; it also presents the conceptual foundation regarding the theme of the book-report, which deals with issues of the right to the city, traditional communities, environmental journalism and journalistic narratives of subjectivity. In addition, it presents the editorial and graphic project developed for editing and layout of the book. The objective of this book-report is to share the authentic narratives of women shellfish gatherers, highlighting their struggles, achievements and contributions to their communities and to the preservation of the environment. Furthermore, there is a reflective character, in the sense of being a publication about them, but also for them; so that other women shellfish gatherers in the country can see themselves in this narrative and become empowered in the fight for well-being in the mangrove forest. "Rainhas do Manguê" is a deep dive into the stories, challenges and achievements of these women who shape the culture and economy of Sergipe's coastal communities, through the ancestral practice of shellfish farming. This book is a reflection of the resilience, determination and wisdom of women who wake up every day with courage and dignity to live the tide. In short, this book is a reflection on the experiences of shellfish farming to enhance the voices of these women.

Keywords: environmental journalism; book-report; editorial project; women shellfish; mangrove.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa de municípios englobados na bacia hidrográfica do rio Vaza-Barris elaborado pela CODEVASF.	17
Figura 2 - Esboço feito à mão da ilustração da capa do livro.	39
Figura 3 - Primeira aplicação do desenho em ambiente digital	39
Figura 4 - Segunda aplicação do desenho em ambiente digital	40
Figura 5 - Terceira aplicação do desenho em ambiente digital	40
Figura 6 - Primeira aplicação de cores ao desenho	41
Figura 7 - Segunda aplicação de cores ao desenho	41
Figura 8 - Terceira aplicação de cores ao desenho	42
Figura 9 - Primeira versão da capa finalizada	42
Figura 10 - Versão final da capa	43
Figura 11 - Aplicação da capa em arte de simulação	43
Figura 12 - Formulário enviado pela designer	44
Figura 13 - Respostas encaminhadas pelo autor	44
Figura 14 - Logotipo finalizado	45
Figura 15 - Logotipo finalizado com aplicação de título e nome do autor	45
Figura 16 - Captura de tela realizada pelo autor	46
Figura 17 - Captura de tela realizada pelo autor	46
Figura 18 - Captura de tela realizada pelo autor	47
Figura 19 - Captura de tela realizada pelo autor	47
Figura 20 - Captura de tela realizada pelo autor	48
Figura 21 - Captura de tela realizada pelo autor	48
Figura 22 - Fotografia realizada pelo autor	49
Figura 23 - Fotografia realizada pelo autor	49
Figura 24 - Fotografia realizada pelo autor	50
Figura 25 - Fotografia realizada pelo autor	50
Figura 26 - Aplicação da tipografia escolhida	51
Figura 27 - Paleta de cores retirada da internet que foi utilizada como inspiração para desenvolvimento da paleta própria para o livro	52
Figura 28 - Paleta de cores do livro	52
Figura 29 - Boneca layout 1	53
Figura 30 - Aplicação layout 1	54
Figura 31 - Boneca layout 2	54
Figura 32 - Aplicação do layout 2	55
Figura 33 - Boneca do layout 3	55

Figura 34 - Aplicação do layout 3	56
Figura 35 - Boneca do layout 4	56
Figura 36 - Aplicação do layout 4	57

Sumário

1. Introdução	11
2. A questão ambiental e o Jornalismo como ferramenta de enfrentamento	15
2.1. Desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais de marisqueiras em Aracaju, capital do estado de Sergipe	15
2.2. O jornalismo ambiental como "arma de combate"	21
3. O fazer antropológico no Jornalismo	25
3.1. O livro-reportagem como prática antropológica etnográfica	25
3.2. Narrativa jornalística, imersão e a relação entre o “Eu” e o “Outro”	30
4. A construção do Projeto Gráfico e do Projeto Editorial	35
4.1. Projeto Editorial	36
4.2. Projeto Gráfico	39
4.2.1. Capa	39
4.2.2. Logotipo	45
4.2.3. Iconografia e inspirações visuais	47
4.2.4. Tipografia	53
4.2.5. Paleta de cores	54
4.2.6. Grid e layout de páginas	55
4.2.7. Diretrizes de fotografia e elementos visuais:	59
5. Conclusão	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICES	69

1. Introdução

Escrever sobre meio ambiente tem sido uma escolha recorrente durante toda minha trajetória acadêmica, principalmente quando se trata do manguezal. E, sendo sincero, não sei se posso realmente dizer que foi uma escolha minha. Acredito que, na verdade, o mangue foi quem me escolheu. Desde pequeno, quando saía com minha família pela cidade e via todas aquelas árvores na beira do rio, sentia vontade de entrar ali. Explorar, saber o que aquele lugar, que parecia tão místico e misterioso, escondia entre suas raízes. Mas, para minha infelicidade, cresci vendo essa paisagem morrer. A cada ano, o manguezal que recobria toda a extensão da famosa avenida “Beira Mar” (umas das principais avenidas da cidade, que liga as regiões norte e sul da capital) amarelava, murchava e caía.

Toda vez que saía, via cada vez mais e mais árvores mortas e seus galhos acinzentados erguidos e imponentes em meio a outras árvores, ainda verdes, mas que aguardavam pelo mesmo fim. Junto a isso, o lixo, o cheiro azedo do enxofre que sai dele e o medo. Medo porque a criminalidade também usa isso a seu favor. Essa paisagem deu lugar ao resto de esgoto dos condomínios luxuosos que se ergueram ao longo da avenida. Se rendeu ao lixo de quem andava por ali e jogava tudo na lama. Foi morta pelo descaso dos governantes com o equilíbrio sustentável entre o crescimento urbano e a natureza que já existia ali. A pergunta que ficava rodeando minha cabeça era: “Por que ninguém se dispunha a lutar por isso? A tentar mudar essa realidade de alguma forma?”. Nunca tive essa resposta. Apesar disso, eu sabia da importância desse ecossistema para a cidade. Os manguezais exercem função vital tanto para os animais que o habitam, quanto para o ambiente ao seu redor. Mais que isso, são responsáveis pela manutenção da qualidade de vida em cidades costeiras, já que também funcionam como barreiras naturais contra desastres ambientais, como enchentes.

No caso de Aracaju, capital de Sergipe, a presença dessa vegetação protegendo a cidade é essencial, já que é conhecida por sofrer com enchentes em chuvas fortes. Segundo levantamento realizado pela Agência Pública de jornalismo investigativo (2024), a capital sergipana é uma das 17 capitais brasileiras que não possuem um plano municipal de enfrentamento às mudanças climáticas. Vale lembrar também que, por ser abrigo de várias espécies de peixes e crustáceos, os manguezais ainda servem como fonte primária de renda para diversas comunidades tradicionais do estado. Seja por meio da pesca artesanal ou da catação de mariscos, homens e mulheres, pescadores e marisqueiras, trabalham pelo sustento

de suas famílias todos os dias, em simbiose com o manguezal e enfrentam condições precárias de trabalho e o preconceito diariamente.

Segundo estudo realizado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU, 2020)¹, cerca de 110 milhões de trabalhadores no mundo estão ligados à pesca em pequena escala e, no Brasil, 99,2% do total de pescadores praticam diretamente a pesca artesanal. São mais de 1 milhão de pessoas; dessas, 437.012 (41,9%) são mulheres. Ainda conforme o estudo, eles são responsáveis por quase 60% da produção pesqueira no país e, desse total, 10,3% vem da captura de crustáceos e 2,5% de moluscos. Numa cidade onde o caranguejo é reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial (LEI Nº 9.071, DE 06 DE JULHO DE 2022) isso só reforça a importância dos povos das águas, sobretudo das mulheres marisqueiras que atuam diariamente na pesca deste e de outros crustáceos.

As mulheres marisqueiras do litoral sergipano enfrentam condições precárias de trabalho, subvalorização e lidam com o preconceito diariamente. Além de formar um ecossistema importante para cidades litorâneas, como Aracaju, capital de Sergipe, os manguezais também exercem função socioeconômica relevante para a subsistência de comunidades tradicionais de marisqueiras. A “Cartilha Marisqueiras - Saúde das mulheres das águas”, produzida com fundos do Ministério da Saúde pelo Instituto Aggeu – unidade da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) em Pernambuco – também traz esse relato em comunidades pesqueiras do sul pernambucano. De acordo com o documento, é comum que essas mulheres não apresentem uma jornada fixa de trabalho. Muitas vezes é uma jornada dupla ou tripla, que envolve não só a pesca, mas o cuidado com a casa, outros trabalhos complementares e o cuidado de si. Essa jornada da pesca é marcada por longos períodos de exposição ao sol e à água salgada – em alguns casos, também poluída –, que ainda segundo a cartilha, é feita “com auxílio de equipamentos rudimentares e geram sobrecarga de trabalho, esgotamento mental e doenças crônicas não-transmissíveis (a exemplo de LER, artrose e doenças reumatológicas)” (FIOCRUZ, 2022).

Mesmo as marisqueiras e o manguezal sendo de grande relevância para o sergipano, é comum notar que no imaginário popular, o mangue é sinônimo de sujeira, mau cheiro, lugar de gente pobre e doenças. E a percepção não poderia ser outra, já que diariamente litros de esgoto e toneladas de lixo são despejados irregularmente nesses lugares. O Atlas dos

¹ Disponível em:

<https://maramar.org.br/estudo-da-fao-no-brasil-revela-dados-ocultos-da-pesca-artesanal-no-pais/>.

Manguezais do Brasil, publicado em 2019 pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) revelou que Sergipe possuía, em 2018, 1,9% da área total dessa vegetação no país. Era o 6º estado com a maior área de manguezal do Brasil; em primeiro lugar estava o Maranhão, com 36,1% da área total de manguezais do país. Eram 26,5 mil hectares de áreas de manguezais em todo o território sergipano e essa quantidade correspondia a 1,2% da área total do território do estado, acolhendo e compartilhando pertencimento com comunidades tradicionais de marisqueiras e pescadores.

Apesar disso, rotineiramente essas comunidades pesqueiras tradicionais são proibidas de exercerem seu trabalho por empresas, majoritariamente privadas, que cercam e impedem seu acesso às áreas de pesca, e utilizam o terreno para construção imobiliária. Assim, surge o interesse por contar as histórias dessas mulheres por meio de um livro-reportagem, que, para Pereira Lima (1998. p. 29) contextualiza o tema para o leitor, fazendo uma leitura sistêmica da realidade. É essa leitura sistêmica e aprofundada da realidade das marisqueiras de Sergipe que norteia a produção do livro-reportagem “Rainhas do Manguê: vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe”, além do anseio de gerar impactos nessa realidade, por meio do alerta aos malefícios que essas ações de descaso e abandono dos manguezais geram para a sociedade como um todo.

Por isso, o objetivo deste livro-reportagem é compartilhar as narrativas autênticas de mulheres marisqueiras da Zona de Expansão de Aracaju (residentes no bairro Mosqueiro e no povoado Areia Branca), destacando suas lutas, conquistas e contribuições para suas comunidades e para a preservação do meio ambiente. Além disso, existe um caráter reflexivo, no sentido de ser uma publicação sobre elas, mas também para elas; para que outras mulheres marisqueiras do país possam se enxergar nessa narrativa e emponderar-se na luta pelo bem-estar no manguezal. Em suma, este livro é uma reflexão sobre as vivências da mariscagem para diminuir estigmas e enaltecer as vozes dessas mulheres.

Partindo do meu lugar enquanto jornalista, é preciso entender o jornalismo como "arma de combate"; pensar a importância do jornalismo ambiental frente aos desafios ambientais atualmente, num contexto local, regional e nacional. Dessa forma, realizo neste memorial uma discussão sobre a problemática dos manguezais em Sergipe, especificamente na capital, Aracaju, e como o jornalismo ambiental surge como ferramenta de enfrentamento dessas questões. Além disso, é importante discutir como esse jornalismo pode ser realizado sem deixar escapar a subjetividade do tema, que me atravessa e atravessa essas mulheres em

sua relação com o território – pensar sobre as relações de comunidades tradicionais e a capacidade do livro-reportagem, apoiado numa narrativa jornalística de imersão com recursos do “eu narrativo” (COIMBRA, 2004) e do fazer etnográfico (ROVIDA, 2015; VARGAS, 1999), de captar de forma aprofundada esses atravessamentos socioculturais.

De acordo com Pereira Lima, o livro-reportagem ganha potência no meio jornalístico pela sua capacidade de suprir lacunas deixadas pelo jornalismo cotidiano no seu papel informativo e orientativo em relação ao leitor. Isso só é possível porque o livro-reportagem tem um período de produção, pesquisa e confecção muito diferente do jornalismo convencional, que rompe com a periodicidade e atualidade, características consideradas fundamentais pelo modelo convencional (PEREIRA LIMA, 1998, p.17-18). Assim, para o autor, “o livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes, limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos” (idem).

Portanto, o livro-reportagem “Rainhas do Mangue”, além do registro, conta as histórias e vivências das mulheres marisqueiras de Sergipe relacionadas a suas experiências dentro e fora do mangue. Seja desde a preparação para a ida ao local da catação, até a venda dos mariscos pescados, essas mulheres registram na memória suas vivências da mariscagem, positivas ou negativas. Dessa forma, o livro-reportagem permitiu explorar esse cotidiano de maneira extensiva e intensiva (PEREIRA LIMA, 1998, p. 29), contrário ao que é praticado na mídia hegemônica. O projeto começou a ser desenvolvido no semestre 2023.1, sob orientação da Prof^a Dr^a Liliane do Nascimento Santos Feitoza – à época, professora substituta do curso de Jornalismo da UFS. Teve continuidade no período de 2023.2, sob mesma orientação, mas precisando ser adiado por questões de caráter pessoal para o período letivo de 2024.1, agora sob orientação da Prof^a Dr^a Michele da Silva Tavares. Isso porque o vínculo institucional da primeira professora já havia encerrado. Assim, resultando no presente descritivo.

2. A questão ambiental e o Jornalismo como ferramenta de enfrentamento

Com base nessa discussão, a fundamentação teórica do projeto experimental se firma como um passo importante, porque ela apresenta uma breve revisão do problema, com fundamentação nas teorias existentes sobre o objeto estudado. Ela também deve estar entrelaçada com os apontamentos feitos nos objetivos do trabalho, para uma construção orgânica do produto. Dessa forma, se faz necessário aqui, entender o Jornalismo Ambiental e suas práticas dentro do campo da comunicação (John, 2001; Bueno, 2007).

Além disso, é preciso entender também a metodologia de pesquisa antropológica e etnográfica (Vargas, 1999; Lago, 2008; Rovida, 2015), utilizada na atividade de campo para registro da narrativa jornalística no formato escolhido, o livro-reportagem, tema didaticamente trabalhado por Edvaldo Pereira Lima (1998; 2004). Por fim, também se faz necessário compreender como essas abordagens influenciaram na escolha da linguagem narrativa aplicada no produto (Coimbra, 2004).

2.1. Desafios enfrentados pelas comunidades tradicionais de marisqueiras em Aracaju, capital do estado de Sergipe

Como dito anteriormente, os manguezais exercem função vital tanto para os animais que o habitam, quanto para o ambiente ao seu redor, e são responsáveis pela manutenção da qualidade de vida em cidades costeiras, já que também funcionam como barreiras naturais contra desastres ambientais, como enchentes. É o caso da cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe.

O Atlas dos Manguezais produzido pelo ICMBio (et al., 2018, p. 128) revela que o estado possuía, em 2018, 26,5 mil hectares de áreas de manguezais em todo o seu território. Essa quantidade corresponde a 1,2% da área total do território do estado e a 1,9% da área total de manguezais que existem no território do país. De acordo com Myrna Landim (et. al., 2020, p. 2104), Sergipe possui uma das maiores áreas de manguezal remanescentes do Nordeste, o que já era afirmado pelo Atlas dos Manguezais, em 2018, que apontava o estado como o 3º com maior área de manguezal da Região (ICMBIO et. al., 2018, p. 59).

Assim, fica evidente que já existiu uma cobertura significativa de mangue em seu território, mas o desenvolvimento e urbanização, sobretudo na capital, contribuíram para o aterramento dessas áreas que, atualmente, constituem pequenos bosques remanescentes de mangue (LANDIM et. al., 2020, p. 2104). De acordo com pesquisadores do Observatório das

Metrópoles (2022), a urbanização no Brasil gerou desequilíbrios no acesso às oportunidades urbanas, refletidos na presença de assentamentos precários ocupados por famílias carentes que não têm acesso ao mercado formal de moradia. Esse processo não aconteceu de forma diferente em Aracaju, com assentamentos, frequentemente localizados em áreas de risco ou terrenos públicos, caracterizados pela informalidade, que afastam seus moradores do direito a uma moradia digna.

[...] as famílias que não têm condições de pagar o preço da moradia legalizada nas áreas urbanizadas têm ocupado a periferia, desinteressante para o capital. Em detrimento dos baixos salários desses trabalhadores e da renda informal sazonal, esses espaços são autoconstruídos com baixa qualidade urbanística e restos de materiais, sem acompanhamento técnico, na tentativa de lutar pelo direito à (sic) uma moradia digna (VALLADARES, 1983 *apud* FRANÇA, ALMEIDA E NETO, 2022, p.61).

O conceito de “favelas e comunidades urbanas”, definido pelo IBGE, é utilizado para descrever essas áreas. Essas comunidades são formadas por um mínimo de 51 domicílios, geralmente em terrenos de propriedade alheia, e sofrem com a carência de serviços públicos essenciais. Anteriormente, esses locais eram nomeados como “aglomerados subnormais” pelo instituto, tendo sido alterado em 2022 na realização do mais novo censo demográfico até então. Apesar da mudança da nomenclatura, os critérios de caracterização permaneceram os mesmos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024, p. 44) “entendeu-se que a nova nomenclatura deveria ser o máximo abrangente para que, no futuro, pudesse incorporar novos critérios e, a depender de estudos e testes experimentais, subsidiar novas pesquisas realizadas pelo IBGE”.

Em 2010, ainda conforme o instituto, a RMA tinha 46 “aglomerados subnormais” com 23.225 domicílios, e em 2019, esse número aumentou para 161 aglomerados com 49.364 domicílios. Eles estão geralmente localizados em áreas periféricas e ambientalmente frágeis, refletindo a dificuldade de acesso às oportunidades urbanas (FRANÇA, 2022, p. 30-31). Em Aracaju, esses aglomerados se concentram em bairros das zonas norte e sul, próximos a conjuntos habitacionais e áreas de alto risco ambiental. São espaços marcados por altos índices de desemprego, baixa escolaridade e condições de vida precárias.

“Favelas”, “cortiços”, “barracos”, “assentamentos informais” etc., são termos que, quando levantados, apontam no imaginário da população um cenário de extrema pobreza, precariedade de recursos, falta de oportunidades, violência e tráfico de drogas. Todavia, o que se esquece é que esse espaço cresce, sedimenta-se, estrutura-se internamente, a partir de uma comunidade que promove sua autogestão (FRANÇA, ALMEIDA E NETO, 2022, p.61).

Isso não é diferente no povoado Areia Branca, comunidade tradicional de marisqueiras e pescadores, que se organizou de forma plena para funcionamento dessa autogestão no local. Edenilza Nascimento e Adriana Hora, personagens centrais do livro, são moradoras dessa comunidade. Elas fornecem os mariscos aos pescadores, que por sua vez emprestam seus barcos com motores para elas, que também se juntam na limpeza do manguezal, e assim por diante. Contudo, ainda existem diversos estigmas que recaem sobre essas comunidades tradicionais e são diariamente reforçados pela cobertura da mídia local.

O manguezal ao qual me refiro é o que fica às margens do Rio Vaza-Barris, cujas águas embalam o trabalho diário delas e de suas companheiras marisqueiras e pescadores da região da Zona de Expansão de Aracaju. Essa faixa de vegetação se estende por mais de 13km, aproximadamente, entre o bairro Santa Maria e o Mosqueiro, incluindo os povoados Areia Branca, Robalo e o município de São Cristóvão (que fica do outro lado do rio). É um rio perene, com cerca de 450 quilômetros de comprimento, que atravessa a Bahia e Sergipe, e deságua no litoral sergipano, na região do Mosqueiro. Segundo a Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), a área da bacia hidrográfica do rio Vaza-Barris é de mais de 16,1 mil quilômetros quadrados e abrange 30 municípios. Além disso, sua população foi estimada em 891.426 habitantes, em 2020, pela companhia, sendo uma fonte de renda e alimento importante para essas pessoas.

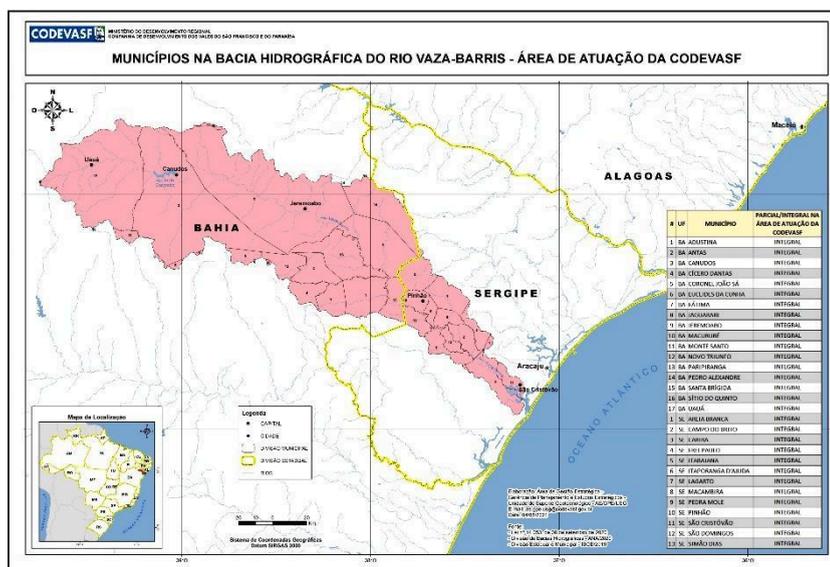


Figura 1 – Mapa de municípios englobados na bacia hidrográfica do rio Vaza-Barris elaborado pela CODEVASF.

Segundo Myrna Landim (2020 *et. al.*, p. 2104), o estado ainda possui uma das maiores áreas de manguezal remanescentes do Nordeste. Isso é reafirmado pelo Atlas do Instituto

Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio, 20218, p.128), que aponta a unidade federativa como a 3ª com maior área de manguezal da região. Para quem vê de fora não parece, mas é quando a gente mergulha na lama que percebe a imensidão do manguezal.

O modelo de urbanização difusa na RMA é baseado na urbanização litorânea, focada no turismo e nos condomínios horizontais, o que traz à tona a necessidade de ampliar o debate sobre o meio ambiente em escala metropolitana. A urbanização tem sido impulsionada por interesses econômicos, muitas vezes em detrimento das condições ambientais e da qualidade de vida dos moradores. De acordo com Vilar (2022, p. 78) “de maneira análoga à maioria das cidades brasileiras, a dimensão ambiental não é prioritária nas análises sobre a RMA, e nesse sentido cabe questionar como propor o direito à cidade e uma reforma urbana sem considerar questões vitais para o desenvolvimento metropolitano”.

Junto a esse processo de desenvolvimento urbano, soma-se o descarte irregular de lixo e o despejo de resíduos de esgotos industriais e domiciliares no próprio manguezal ou em regiões de rio próximas à vegetação. Tudo isso acontece de forma naturalizada e revela o descaso explícito do poder público. Os conflitos ambientais na RMA incluem desde a ocupação de áreas de proteção ambiental à pressão sobre recursos naturais, exacerbados pela expansão urbana sem planejamento adequado. É por isso que a gestão metropolitana deve integrar preocupações ambientais para promover um desenvolvimento urbano sustentável e garantir a existência de recursos básicos para essas comunidades.

Para Vilar (2022, 78-79),

[...] nas possibilidades entreabertas a questão ambiental desempenha um papel-chave, sem o qual as propostas correm risco de fracasso, como até o momento se tem observado. [...] Reflexo da crise urbana, a gravidade dos problemas associados ao meio físico, a recorrência de eventos extremos e as mais variadas questões socioambientais da cidade mostram uma vinculação intrínseca com a dimensão ambiental.

Apesar de ser extremamente necessário compreender esse vínculo, essa não é a realidade. Exemplo disso é a própria Administração Estadual do Meio Ambiente (Adema), que não realiza pesquisa de dados sobre os manguezais desde o ano de 2012, quando houve parceria entre o órgão, a Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema) e o governo do estado. O projeto foi intitulado “Levantamento quantitativo do manguezal de Sergipe” e conta com um mapeamento das áreas onde existe a presença de manguezal. Além disso, existe uma dificuldade em conseguir dados precisos e atualizados sobre o manguezal em Aracaju, seja por meio de pesquisadores, órgãos especializados ou governamentais. Só foi possível ter

acesso ao levantamento graças a um material em DVD disponibilizado por uma funcionária do órgão (à época entrevistada para uma reportagem publicada no portal Zona Contexto, produto laboratorial do curso de jornalismo da Universidade Federal de Sergipe)², já que os dados não se encontram disponíveis em outro meio.

Não obstante, o descaso com as comunidades tradicionais também é evidenciado. Por ser abrigo de várias espécies de peixes e crustáceos, os manguezais servem como fonte primária de renda para diversas comunidades tradicionais. Seja por meio da pesca artesanal ou da catação de mariscos, homens e mulheres trabalham pelo sustento de suas famílias todos os dias, em simbiose com o manguezal. Por isso, o descaso com o ambiente também os afeta, seja econômica, física ou psicologicamente.

A Constituição Federal, por meio do Decreto Federal nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, define povos e comunidades tradicionais como

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Dessa forma, grupos classificados como comunidades tradicionais devem operar de maneira singular, ocupando e administrando territórios e recursos naturais para preservar sua cultura, abrangendo aspectos que englobam organização social, religião, economia e ancestralidade. A exploração desses recursos deve se basear em saberes, inovações e práticas que se originaram internamente e são transmitidos oralmente e por meio da tradição em sua vida cotidiana.

O reconhecimento oficial como uma comunidade tradicional requer um comprometimento com o desenvolvimento sustentável. De acordo com o Instituto EcoBrasil (2023c), em 2004, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais foi estabelecida, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente, com a missão de estabelecer e monitorar a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, entre outras responsabilidades. Atualmente, estima-se que aproximadamente 4,5 milhões de pessoas integrem comunidades tradicionais no Brasil, ocupando uma área que corresponde a 25% do território nacional.

² “Museu do Mangue permanece em abandono e reflete descaso com o bioma em Aracaju”, publicada em 01/09/2022. Disponível em: <https://portalcontextoufs.wixsite.com/zonacontexto/post/cr%C3%B4nica-o-que-se-esconde-nas-ra%C3%ADzes-do-apicum>.

Tendo em vista esses aspectos, compreende-se que as comunidades tradicionais desempenham um papel crucial na preservação da cultura local e na conservação do meio ambiente. Essas comunidades têm uma relação profunda e sustentável com o seu ambiente, transmitindo práticas e conhecimentos ao longo das gerações. Neste contexto, as marisqueiras podem ser identificadas como comunidades tradicionais, devido à sua ligação ancestral com a coleta de mariscos e à sua contribuição para a conservação dos ecossistemas costeiros. A relação das marisqueiras com o ambiente costeiro é tão intrínseca que suas práticas e rituais estão muitas vezes entrelaçados com a espiritualidade e a mitologia local. Dessa forma, elas não apenas coletam mariscos, mas também desempenham um papel importante na preservação das áreas costeiras, agindo como guardiãs do meio ambiente.

Em seu livro-reportagem, Robson Custódio (2014, p. 62-63), ao entrevistar a antropóloga e professora Eliana do Pilar Rocha, da Universidade Federal do Paraná, esclarece que a presença da mulher no mangue é comum nessas regiões de manguezal. Para a professora,

as mulheres são consideradas fortes pelo desempenho que têm. Ocorre, por exemplo, que o pescador fica em pé na canoa, quando vai para o mar, segura a rede na boca e puxa um peso que pode chegar a ser de 60 quilos. Puxar uma rede desse peso, estando em pé na canoa é realmente um trabalho bem pesado para elas. A renda feminina é encarada como acessório em casa, mesmo que seja maior que a do marido. Prevalece o patriarcado (ROCHA apud CUSTÓDIO, 2014, p. 63).

Para Diegues (1999), devido às interferências humanas de práticas milenares, a biodiversidade pertence ao domínio natural e ao domínio cultural. Ele também ressalta que a população tradicional pode compreender, interagir e manejar a biodiversidade por meio da cultura (DIEGUES, 1999 apud SANTOS, 2021, p. 67). Além disso, o autor também pontua que

seus membros dependem da natureza, não só para utilização dos seus recursos, mas também para manter seu modo de vida; possuem conhecimento detalhado sobre o mundo natural; por ocuparem um território por várias gerações, acabam tendo noção da melhor forma de preservar e sobreviver nesse espaço (DIEGUES, 2000b apud SANTOS, 2021, p. 67)

O Decreto Federal nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2000, ainda define os territórios tradicionais como

os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e

68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações (BRASIL, 2000).

Por isso, fica clara a importância do território para as populações tradicionais, pois é através dele que são desenvolvidas atividades que garantem a sobrevivência, permitindo a criação de sua identidade cultural local. Por conseguinte, Paul Little (2004, p. 253) explica que a territorialidade é “o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-a assim em seu “território”. Assim, os laços de solidariedade, coletivismo e companheirismo nessas comunidades, são facilitados e promovidos pelos vínculos antepassados que constroem.

É evidente, portanto, como a construção sociocultural das comunidades de mulheres marisqueiras converge elementos diversificados, como os saberes tradicionais, o fator geracional, a relação com o meio ambiente e o senso de coletividade, que contribuem para a caracterização dessas comunidades enquanto tradicionais. Fator que potencializa isso, é a luta pela preservação e manutenção de seu território.

2.2. O jornalismo ambiental como "arma de combate"

O meio ambiente e as questões ambientais têm se destacado cada vez mais no noticiário. Observamos todos os dias a presença de matérias que abordam desde as alterações climáticas no planeta ao descobrimento de novos tipos virais em laboratórios. Este é o Jornalismo Ambiental, definido por Bueno como

o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado. [...] contempla várias mídias ou ambientes (jornais, revistas, rádio, televisão, sites, newsletters, etc.) e, como as demais manifestações jornalísticas, caracteriza-se pelos atributos da atualidade e periodicidade. [...] pode estar inserida num veículo ao lado de outras coberturas, mas também pode ser o foco exclusivo de uma publicação, como acontece nas chamadas mídias ambientais (BUENO, 2007, p. 35)

Contudo, é preciso, antes, fazer uma diferenciação entre o que é de fato Jornalismo ambiental e o que é Comunicação Ambiental. Bueno (2007) propõe essa distinção de forma bem didática. Para o autor (2007, p. 34), a Comunicação Ambiental é

o conjunto de ações, estratégias, produtos, planos e esforços de comunicação destinados a promover a divulgação/promoção da causa ambiental enquanto o Jornalismo Ambiental, ainda que uma instância importante da Comunicação Ambiental, tem uma restrição importante: diz respeito exclusivamente às manifestações jornalísticas.

Além disso, ela pode ser realizada por qualquer profissional, seja biólogo, jornalista ou comunicador. Dessa forma, a Comunicação Ambiental engloba desde folhetos e palestras que abordem a temática ambiental a vídeos e filmes sobre o meio ambiente, “sem compromisso com a atualidade”, diferentemente do Jornalismo Ambiental, caracterizado pelos produtos resultantes do trabalho realizado por jornalistas, publicados na mídia de massa ou em espaços reservados especificamente para este tipo de conteúdo, a exemplo de revistas especializadas (BUENO, 2007, p. 34).

Para entender o conjunto de pautas e assuntos abordados por ambas as vertentes comunicativas, Bueno estabelece um conceito norte de Meio Ambiente, que também servirá de base para este projeto. Sendo assim, entendemos por meio ambiente

o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.) (BUENO, 2007, p. 35).

Tendo em vista esse conceito, é possível perceber e entender a multiplicidade de temas que podem, devem e são abordados tanto pela Comunicação Ambiental quanto pelo Jornalismo Ambiental. Essas temáticas vão desde o desenvolvimento e a proteção da fauna e flora, às comunidades biológicas, o crescimento e a regulação populacional, o ecodesign e a reciclagem (*idem*). Esse panorama reforça a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade do campo e isso “tem impacto na própria cobertura do meio ambiente pela mídia, de tal modo que se pode contemplar matérias em vários cadernos, editoriais ou veículos (cidades, política, economia, ciência e tecnologia, saúde, etc.)” (BUENO, 2007, p.35).

A partir dessa análise, Bueno elenca três funções do Jornalismo Ambiental: a função informativa, a função pedagógica e a função política. A função informativa, como o próprio nome explicita, tem caráter de manter o leitor informado sobre os principais temas que englobam a questão ambiental e alerta sobre “o impacto que determinadas posturas, processos e modelos tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida” (BUENO, 2007 p. 35). Já a função pedagógica diz respeito à função didática do jornalismo ambiental em esclarecer para o leitor causas e soluções para problemas ambientais e à “indicação de caminhos para a superação dos problemas ambientais” (*idem*).

É o mesmo que acontece para Liana John (2001, p. 87), ao falar sobre jornalismo, meio ambiente e cidadania, a autora entende que mesmo sem uma formação de educadores, os

jornalistas ambientais contribuem para essa formação de cidadãos “ambientalmente educados”. John também reconhece os esforços destes jornalistas, além de se fazerem ser

facilmente compreendidos, ainda pretendem levar o leitor à ação, contribuindo com a diminuição das agressões ambientais e proporcionando o aumento da qualidade de vida. A tarefa — de informar educando — encontra algum paralelo no jornalismo científico, do qual o jornalismo ambiental faz parte, mas se mantém, de certa forma, à parte, devido à sua vertente ativista (JOHN, 2001, p. 88).

Por fim, a função política refere-se à mobilização dos cidadãos no combate aos interesses que favorecem o agravamento da questão ambiental no seu local de origem. Além disso, essa postura combativa também incorpora

uma vigilância permanente com respeito à ação dos governantes que, por omissão ou comprometimento com os interesses empresariais ou de grupos privilegiados da sociedade, não elaboram e põem em prática políticas públicas que contribuem efetivamente para reduzir a degradação ambiental (BUENO, 2007, p. 36).

Dessa forma, o autor considera que o jornalismo ambiental deve ser compreendido, antes de tudo, como jornalismo (no cerne do seu significado), e “ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios” (*idem*). Não obstante, é papel desta especialização manter-se política, social e culturalmente engajada, para resistir às pressões dos governos e empresas e seus conflitos de interesses, e por isso, não deve comprometer-se com a isenção, pois permanece ativo na defesa dos interesses das causas ambientais.

Apesar disso, John (2001, p. 93) alerta para um movimento muito ativo dentro dos redutos de imprensa, que é aquele que insiste em priorizar o escândalo e o exótico, ao invés do viés educativo na cobertura ambiental. Por isso, a autora afirma que

extinguir esta espécie inconseqüente (sic) de jornalistas através da informação e da boa argumentação é mais uma das tarefas diante dos jornalistas que integram o movimento contrário, dos profissionais capazes de distinguir boas fontes e traduzir a linguagem cifrada dos especialistas para o cotidiano do público. Capazes de insistir nos temas formadores de opinião, apesar das falhas na sua formação e das dificuldades inerentes às suas condições de trabalho. E é na sobrevivência destes jornalistas meio ambientais, meio missionários (ou quixotescos, como já dissemos), que resiste a idéia (sic) de transformar uma sociedade alheia ao próprio impacto ambiental, em uma parte consciente da sua indissociabilidade do todo ou numa sociedade provida de Cidadania Ambiental. Assim, com maiúsculas mesmo (JOHN, 2001, p. 94).

O jornalismo ambiental não deve ser entendido, portanto, como apenas mais uma atividade remunerada dentre tantas dispostas numa sociedade liberal, e, o jornalista ambiental “tem um compromisso que se estende além da jornada de trabalho. Consciente e capacitado, ele será militante sempre. Qualquer outra alternativa conduz, inevitavelmente, à capitulação” (BUENO, 2007, p.36).

3. O fazer antropológico no Jornalismo

Todos esses fatores socioculturais entrelaçados entre o jornalismo ambiental e a luta das comunidades tradicionais contribuíram de forma incisiva na decisão de escolher por produzir um livro-reportagem que abordasse tanto os descasos com as questões ambientais, quanto a vida das pessoas diretamente impactadas por isso. Dessa forma, durante as reuniões de orientação do trabalho, definimos o livro-reportagem como formato que proporcionaria explorar o tema de forma mais profunda e subjetiva, não fugindo aos nortes do jornalismo, mas flertando também com a literatura. É por isso que, para Pereira Lima (1998, p. 8) “o livro-reportagem exerce função recicladora da prática jornalística”. Muito disso pelo seu caráter experimental, de proporcionar um contato mais sensorial com o tema, permitindo vislumbrar novos horizontes dentro do jornalismo.

3.1. O livro-reportagem como prática antropológica etnográfica

A relação entre antropologia e jornalismo é algo intrínseco à profissão, já que o profissional jornalista está inserido em um contexto social e, a partir de suas observações e leitura da realidade que vive, elabora suas publicações. Para Cláudia Lago (2008, p. 48), essa relação se fortalece a partir do século XX, quando a Escola de Chicago direciona seus esforços para a estudar as relações do meio urbano com a mídia.

A partir disso, o resultado desses estudos gera a etnografia. Para a autora, a etnografia é o resultado específico dos trabalhos da Antropologia – enquanto disciplina – e refere-se à descrição da cultura de um povo. Ou seja, na perspectiva de Geertz (1988 *apud* LAGO, 2008), é “uma descrição densa de determinada cultura, a que tem acesso o antropólogo a partir de um intenso contato com essa cultura, feito em um tipo de trabalho de campo que, por sua vez, tem a observação participante como norteadora” (GEERTZ, 1988 *apud* LAGO, 2008, p. 49).

Dessa forma, o que conferiu identidade à Antropologia foi a observação participante, uma metodologia que surgiu como ideia central das pesquisas antropológicas, e sistematizada inicialmente por Bronislaw Malinowski, em 1922 (*idem*). É a partir dessa perspectiva que, para Lago, a Antropologia enquanto disciplina se concretiza e

fundamentalmente organiza-se para obter algum tipo de conhecimento que pressupõe, segundo Laplantine (1989: 150) a “observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana. [...] o objetivo é enfronhar-se de tal forma na vida dos grupos estudados a ponto de poder assimilar de alguma forma a sua cultura, que poderá assim ser descrita.

Também objetiva um processo de ser aceito pelo grupo. Funciona, portanto, em duas vias: despir-se de sua própria cultura e perceber a cultura do outro (LAPLANTINE, 1989 apud LAGO, 2008, p. 50-51).

A metodologia da observação participante ainda permite ser dada uma atenção maior a um instrumento bastante utilizado por pesquisadores dessa área: o diário de campo. É nele que estarão anotadas todas as impressões do pesquisador sobre a cultura estudada, sendo “fundamentais para o momento final da produção da etnografia, quando o pesquisador deverá organizar os dados de forma a produzir sua ‘descrição densa’ da cultura” (LAGO, 2008, p. 52). Contudo, a observação não é o único instrumento da pesquisa em campo. Lago (*idem*) destaca o papel fundamental do ouvir, seja ele alcançado por conversas em profundidade ou conversas casuais, permite que o pesquisador perceba o sentido das ações que ele observa, “bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais, etc”.

Mara Ferreira Rovida (2015) explora as similaridades entre a etnografia e o jornalismo, especialmente em relação às técnicas de coleta de informações em campo. Ela defende que a etnografia oferece métodos valiosos para o jornalismo, como a observação participante, que pode ser adaptada para reportagens mais densas e interpretativas. Segundo Rovida, a etnografia permite uma "descrição densa" (GEERTZ, 2008), o que significa interpretar profundamente os comportamentos observados e atribuir-lhes significados culturais. No jornalismo, esse método se aproxima da maneira como o repórter precisa entender e interpretar as cenas observadas em campo, não se limitando à mera descrição dos fatos, mas buscando uma compreensão mais ampla do contexto social (ROVIDA, 2015, p. 78). Ela menciona que a imersão em campo e o diálogo com as fontes são características fundamentais tanto para etnógrafos quanto para jornalistas, sendo a observação empírica e o uso de "informantes" essenciais para uma compreensão mais profunda da realidade (ROVIDA, 2015, p. 86).

Por conseguinte, todos esses atributos da metodologia antropológica, sobretudo a observação participante, têm atraído para outras disciplinas o uso de sua metodologia, enquanto “método de indagação social”, a exemplo do jornalismo. Apesar disso, essa aproximação foi tardia. Para Eunice Durham a antropologia sempre foi marginalizada enquanto disciplina e esse estreitamento com as demais só aconteceu a partir dos anos 80, quando ela começa a ocupar “local de prestígio” porque

as populações foco dos estudos antropológicos “galgam” a posição de novos atores políticos, ao mesmo tempo em que seus temas politizam-se (sic),

passando a “possuir uma nova importância na compreensão da dinâmica de transformação da sociedade brasileira” (DURHAM, 1997, p.18 apud LAGO, 2008, p. 54).

Portanto, desenvolvimento deste projeto experimental foi orientado a partir dessas ferramentas proporcionadas e oferecidas pelo método de pesquisa antropológico – sendo elas a observação participativa, o diário de campo e o ouvir. Sendo assim, observamos o livro-reportagem como formato de produção jornalística que melhor se aproveitou dessas ferramentas, dada sua função ampliadora da produção jornalística e a imersão aprofundada no tema escolhido que este formato proporciona ao autor.

O livro-reportagem é um formato de publicação jornalística que mescla e flerta com outros campos do conhecimento empírico, como história, antropologia e literatura. Edvaldo Pereira Lima (1998) analisa suas potencialidades de produção e como a experiência de interação com o conteúdo que o livro-reportagem proporciona permite o leitor perceber a realidade de forma sistêmica. Esse formato jornalístico ganha força nos EUA, entre os anos de 60 e 70, quando o movimento hippie e contracultura emerge no país e alguns profissionais anseiam por outro modo de registrar toda a efervescência desse movimento que trouxe inúmeras mudanças para a realidade americana, combatendo principalmente o *American Way of Life* (PEREIRA LIMA, 1998, p. 44-46).

É a partir desse movimento que os jornalistas vão buscar apoio na literatura, sobretudo na corrente do realismo social de Balzac, e renovam o cenário jornalístico da época com a publicação dos livros-reportagem. Essa nova forma de fazer jornalismo ficou conhecida como a corrente do *new journalism* e é possível notar aspectos que encontramos até hoje presentes no jornalismo literário, como heranças adquiridas do realismo social, tal qual o recurso do ponto de vista, o fluxo de consciência, os símbolos do cotidiano, os diálogos e a construção cena-a-cena do acontecimento (PEREIRA LIMA, 1998, p. 48-51). São essas características que diferenciam o livro-reportagem dos demais veículos jornalísticos e destaca seu potencial de produção. Para o autor, o livro-reportagem é um veículo jornalístico não periódico que amplia o trabalho cotidiano da imprensa e se aprofunda em campos desprezados ou que são tratados de forma superficial pelos periódicos (PEREIRA LIMA, 1998, p. 7). É a partir desses processos mais amplos da produção jornalística surge um paradoxo da produção jornalística contemporânea.

A atual produção jornalística é engessada em um padrão industrial de produção onde se quer cobrir a maior quantidade de acontecimentos possíveis em tempos que não suprem

essa necessidade. Para Pereira Lima (1998, p. 12), é “uma produção em massa, [...] dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam como se elaboram as mensagens”. Por causa desse padrão de produção, o tempo e o espaço nos veículos de comunicação é reduzido, enquanto se tem muito espaço para os conteúdos publicitários, explicitando o interesse também econômico das grandes empresas jornalísticas.

Essa redução de tempo e espaço para o conteúdo que uma reportagem carrega, faz com que surja uma ânsia, em alguns jornalistas, de querer trabalhar de fato suas reportagens e grande reportagens em outros formatos. Por isso, surgem os livro-reportagem, que proporcionam mais espaço e liberdade criativa, e pretende

estender o papel do jornalismo contemporâneo, fazendo avançar as baterias de explicações para além do terreno onde estaciona a grande reportagem na imprensa convencional. Mais ainda, o livro-reportagem transcende as concepções norteadoras do jornalismo atual. Tem potencial para assumir posturas experimentais. Tem pique suficiente, se trabalhado de forma adequada, para fazer nascer a vanguarda de um jornalismo realmente afinado com as tendências mais avançadas do conhecimento humano contemporâneo (PEREIRA LIMA, 1998, p. 16).

Por meio da observação dessas características, o autor define o livro-reportagem como um

veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado[...], quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto a combinação desses dois fatores (PEREIRA LIMA, 2004, p. 26).

Além disso, o livro-reportagem se diferencia dos demais livros devido a três aspectos, que se relacionam ao seu conteúdo, tratamento e função. Quanto ao conteúdo, a veracidade e a verossimilhança são características fundamentais. O livro-reportagem aborda um tema no nível da ocorrência social ou uma situação mais ou menos duradoura, que nem sempre corresponde a um assunto central. Não obstante, o tratamento do tema, no livro-reportagem, assume um compromisso forte do jornalismo que é a comunicação com o leitor. Essa comunicação surge do vínculo que o leitor cria com aquele material e, por isso, a preocupação estética com a produção do livro-reportagem (pensar não somente em escrever um texto atraente, mas também nos aspectos plásticos da diagramação, fotografias, entre outros).

Por fim, Pereira Lima (1998, p.29) diz que a função do livro-reportagem também assume o mesmo papel de informar o leitor, mas faz isso de uma forma mais ampliada e com

mais profundidade do que o jornalismo convencional. Ele “contextualiza o tema para o leitor, faz uma leitura sistêmica da realidade. Isto é, considera tudo como parte de um conjunto interligado onde dinâmicas interações acontecem, mostrando que a realidade é múltipla, multidimensional” (*idem*).

Dessa forma, “o livro-reportagem obedece, em linhas gerais, às particularidades específicas à linguagem jornalística, facilmente identificáveis na mensagem que veicula, mas naturalmente oferece maior maleabilidade de tratamento” (PEREIRA LIMA, 2004, p. 28). O autor também elenca outras características do livro-reportagem, como a universalidade (variedade de temas e liberdade para abordar qualquer um deles); a difusão coletiva (circula para um público heterogêneo e disperso geograficamente); mas, se diferencia também dos livros comuns e demais produções jornalísticas por não possuir periodicidade, ter quase sempre caráter monográfico e seu conceito de atualidade precisar ser entendido de forma mais elástica (PEREIRA LIMA, 2004, p. 30).

Pereira Lima (1998, p. 29) fala, ainda, sobre os dois tipos de aprofundamentos que o livro-reportagem possui: a abordagem extensiva (que se refere à qualidade/quantidade de detalhes e de elementos apresentados sobre um fato, enriquecendo a narrativa para o leitor e levando-o a um grau de informação muito maior a dos veículos cotidianos) e a abordagem intensiva (que se refere à verticalização das informações e como ela dinamiza a compreensão do leitor, localizando-o precisamente no contexto contemporâneo).

Sendo assim, a pauta do livro-reportagem possui uma série de liberdades que não estão presentes na produção cotidiana: liberdade temática (pode versar sobre qualquer coisa, literalmente); liberdade de angulação (presença expressiva do autor, não segue o editorial dos donos do jornal ou revista); liberdade de fontes (não há limite quanto à quantidade e tipos de fontes); liberdade temporal (o que permite a profundidade e um processo de produção maiores para o livro); liberdade do eixo de abordagem (rompe com o factual); e, por fim, liberdade de propósito (não se limita a explicar somente uma vertente do acontecimento, mas de debruça sobre vários aspectos que envolvam o acontecimento) (PEREIRA LIMA, 1998, p. 35-36).

Por conseguinte, essa liberdade expandida proporcionada pelo livro-reportagem permite identificar e tipificar as produções realizadas a partir desse formato jornalístico. Pereira Lima (2004, p. 53-58) registrou tipos variados de livros-reportagem, dos quais vale destacar a presença de quatro que conversam com a proposta deste projeto experimental. O primeiro deles é o livro-reportagem-retrato. Diferente do livro-perfil, este tipo não foca em

uma figura humana, mas uma região geográfica, um setor da vida humana ou segmento da atividade econômica. Busca traçar um retrato do objeto em questão, apresentando seus mecanismos de funcionamento, sua complexidade e seus problemas, geralmente marcado por um caráter educativo e explicativo (PEREIRA LIMA, 2004, p.53). O livro-reportagem-ambiente também está amplamente relacionado ao livre resultante deste projeto, já que está vinculado à interesses ambientalistas e causas ecológicas. “Pode apresentar uma postura combativa, crítica ou simplesmente tratar de temas que auxiliam na conscientização da importância da harmonia nas relações do homem com a natureza” (PEREIRA LIMA, 2004, p. 54).

Ele ainda tipifica o livro-reportagem-história e o livro-reportagem-denúncia. O primeiro tem como tema algo de um passado recente ou mais distante no tempo, mas que tem uma conexão com o tempo presente que se conecta com o leitor na atualidade. Essa conexão surge por uma atualização desse fato passado no presente ou por outros variados motivos (idem). Já o segundo, possui propósito investigativo e “apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados por escândalos” (PEREIRA LIMA, 2004, p. 58).

É possível dizer, portanto, que o livro-reportagem resultante deste projeto experimental, tem o sentido de apresentar uma mescla dessas quatro tipagens de livros feitas por Pereira Lima, no esforço da abordagem extensiva e intensiva (proposta pelo autor), acerca da temática escolhida. Ou seja, traçar um retrato do objeto em questão, apresentando seus mecanismos de funcionamento, sua complexidade e seus problemas, vinculado a interesses ambientalistas e causas ecológicas, por meio de um resgate histórico com elementos de um passado que se desenrolam no presente, a fim de clamar contra injustiças, contra os desmandos dos governos e contra os abusos de entidades privadas sobre as mulheres marisqueiras em Sergipe.

3.2. Narrativa jornalística, imersão e a relação entre o “Eu” e o “Outro”

A reportagem narrativa, como descrita no livro *O Texto da Reportagem Impressa*, de Oswaldo Coimbra (2004), caracteriza-se por combinar elementos do jornalismo e da literatura, permitindo que o repórter utilize técnicas narrativas mais profundas para transmitir a realidade observada. “A estrutura do texto da reportagem narrativa não se apóia (sic) num

raciocínio exposto. Sua característica fundamental é a de conter os fatos organizados em uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas” (COIMBRA, 2004, p. 44). Esse tipo de texto é estruturado para atrair o leitor pela construção de uma história envolvente, explorando o desenvolvimento dos personagens, a ambientação dos espaços e o uso da linguagem como ferramenta central para criar uma experiência imersiva.

Por isso, ele destaca a importância do tipo de narrador que o jornalista se propõe a ser em seu texto. Para ele, existem diversos focos narrativos pelos quais podemos narrar os fatos. O narrador pode ser testemunha (aquele que apenas observa os acontecimentos, portanto, com uma visão limitada daquilo que viu e ouviu), protagonista (que limita a narrativa aos seus sentimentos, percepções e pensamentos), onisciente (que é aquele que paira sobre o cenário, tendo ampla consciência dos acontecimentos e, às vezes, deduzindo sentimentos de suas personagens) e o dramático (que se limita a informar o que os personagens falam e fazem, tradicional modo narrativo do jornalismo).

Apesar dessa definição de narradores feita por Coimbra, Dayane Barretos (2021), examina a relação entre o sujeito que narra e o Outro na prática jornalística, enfatizando a importância da alteridade no processo de construção de narrativas. A autora propõe uma problematização que compreende o ato de narrar como uma ação que não apenas organiza experiências, mas também revela tensões entre o Eu e o Outro, destacando o papel das subjetividades. Barretos sugere que a alteridade está presente em todos os níveis da prática jornalística, desde a apuração até a escrita, e que o encontro com o Outro provoca um processo contínuo de negociação e partilha de sentidos. A autora afirma que "narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo" (LEAL, 2013, p. 28), e, nesse contexto, a narrativa jornalística ganha relevância ao englobar experiências, saberes e forças culturais, políticas e ideológicas (BARRETOS, 2021, p. 177).

Outro ponto central é o papel mediador do jornalista, que se coloca como observador e, ao mesmo tempo, como parte do processo narrativo. A narrativa jornalística, segundo Barretos, vai além da simples transmissão de informações; ela entrelaça o simbólico com o real, criando um espaço de diálogo entre diferentes sujeitos e contextos (RESENDE, 2011, p. 125). A autora também utiliza o conceito de mimese de Paul Ricoeur, que trata da mediação entre o tempo e a narrativa, evidenciando que "o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo" (RICOEUR, 1994, p. 85). Com essa abordagem, Barretos

discute como o leitor, ao interpretar a narrativa, reconstrói os sentidos e participa ativamente da reconfiguração do mundo narrado (BARRETOS, 2021, p. 179).

Uma das principais características da reportagem narrativa é a criação de personagens complexos e humanizados. Coimbra ressalta que esses personagens não são meros informantes ou fontes; eles assumem papel central na narrativa, com suas histórias pessoais entrelaçadas à temática principal da reportagem. Eles são construídos de maneira semelhante à ficção, com suas emoções, conflitos e transformações ao longo da trama. Essa abordagem permite que o leitor crie empatia com os personagens, estabelecendo uma conexão emocional com os dilemas e vivências que estão sendo retratados.

Há diferentes tipos de personagens em reportagens narrativas, como os protagonistas, que são figuras centrais ao desenvolvimento do enredo, e os personagens secundários, que auxiliam a compor o contexto e a oferecer diferentes perspectivas sobre o tema. Coimbra (2004, p. 71), enfatiza a importância de descrever esses personagens de maneira detalhada, explorando suas características físicas, psicológicas e emocionais. O jornalista, assim, vai além do simples relato de ações e investe em uma apresentação mais completa e viva dos personagens.

Márcio Serelle (2020), também investiga a construção e o papel da personagem no jornalismo narrativo. O autor argumenta que a personagem nesse gênero, embora se assemelhe à ficção em termos de linguagem, carrega implicações éticas devido ao vínculo com a pessoa real que representa. Serelle explora como a dignificação da vida cotidiana e a empatia gerada pela personagem contribuem para o engajamento afetivo do leitor, humanizando os relatos e tornando o contexto social parte intrínseca da narrativa. É este tipo de interlocução de subjetividades entre narrador, leitor e personagens que objetivei durante a escrita do livro “Rainhas do Mangue”.

Serelle destaca que o jornalismo narrativo busca criar empatia entre o leitor e as personagens ao apresentar suas vidas com profundidade psicológica e complexidade biográfica. Oswaldo Coimbra reforça esse sentimento, ao dizer que “se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens teremos de encarar frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas e aí pinçar a ‘vida’ desses seres” (COIMBRA, 2004, p. 71). Esse tratamento difere da ficção, pois no jornalismo a personagem tem uma contrapartida real, o que impõe uma responsabilidade ética ao jornalista (SERELLE, 2020). O autor usa como exemplo reportagens como “O Nascimento de Joicy”,

de Fabiana Moraes, para ilustrar como o jornalismo pode representar e dar voz a sujeitos marginalizados, humanizando-os perante o público (SERELLE, 2020, p. 45).

Outro ponto abordado é a influência do realismo na construção da personagem jornalística. O uso de detalhes cotidianos e a ênfase na veracidade conferem autenticidade à narrativa e fortalecem a relação entre personagem e contexto social. Ao discutir o papel da empatia, Serelle cita autores como Antonio Candido, que defende que a personagem é o elemento mais vivo de uma narrativa, por sua capacidade de gerar identificação e projeção afetiva no leitor (CANDIDO, 2004 *apud* SERELLE, 2020, p. 53). No entanto, Serelle também pondera que a empatia, por si só, pode não ser suficiente para uma consciência crítica mais ampla, sendo necessário equilibrá-la com princípios morais e uma reflexão ética profunda sobre o impacto da narrativa na vida das pessoas reais representadas.

A ambientação e o espaço também desempenham um papel crucial na reportagem narrativa. Coimbra (2004, p. 65-68), descreve o uso de cenários como uma forma de amplificar o impacto emocional e a verossimilhança da história. A descrição dos ambientes, sejam eles urbanos, rurais, históricos ou contemporâneos, confere uma materialidade à narrativa, permitindo que o leitor "veja" o espaço onde os eventos ocorrem. Esses ambientes podem ser tanto físicos quanto sociais, com a reportagem explorando as condições que cercam as vidas dos personagens e que influenciam suas ações e decisões.

Além disso, a linguagem na reportagem narrativa deve ser trabalhada para criar uma experiência sensorial para o leitor (COIMBRA, 2004, p. 69-71). O jornalista pode usar descrições detalhadas, diálogos diretos e até mesmo estruturas poéticas para prender a atenção e evocar emoções, sem, no entanto, distanciar-se dos princípios jornalísticos de precisão e verdade factual. O estilo e o ritmo da escrita são cuidadosamente elaborados, em um equilíbrio entre o informativo e o literário, que reforça a profundidade e a clareza dos relatos.

No entanto, apesar do uso de técnicas literárias, Coimbra faz questão de lembrar que o jornalista deve manter um compromisso com a veracidade e a imparcialidade dos fatos. "Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo literalmente a fala desses personagens em contato direto com eles" (FIORIN & SAVIOLI, 1990 p.181 *apud* COIMBRA, 2004, p. 78). A narrativa pode ser envolvente, mas não deve ser fabricada ou distorcida; é um relato autêntico baseado em apuração rigorosa e em fontes confiáveis. O repórter tem a responsabilidade de narrar sem perder a objetividade, mesmo ao construir uma narrativa repleta de nuances emocionais e estilísticas.

A reportagem narrativa, então, oferece um formato de texto que é ao mesmo tempo informativo e literário, permitindo que o jornalismo expanda seus limites tradicionais para criar uma narrativa mais imersiva e reflexiva. Assim, é possível fazer com que o leitor não apenas entenda, mas vivencie os eventos, o espaço e as vidas das pessoas retratadas.

4. A construção do Projeto Gráfico e do Projeto Editorial

Digo que viver o mangue, mais uma vez, não foi só uma mera experiência de campo para produção de um trabalho acadêmico. Daqueles que a gente faz por fazer, só para receber uma nota ao final. Viver o mangue foi importante para que eu pudesse enxergar o outro como ainda não havia enxergado. Também foi necessário para eu me enxergar e entender o meu papel enquanto mediador social.

Apesar de só ter se consolidado em fevereiro de 2024, a produção deste projeto iniciou em agosto de 2023, quando conheci Adriana Hora e Nilza Nascimento (personagens principais do livro) e Pedro Bomba, jornalista e poeta, assessor do Movimento das Mulheres Marisqueiras de Sergipe. À época, estava acontecendo a 1º Feira Cultural das Marisqueiras de Sergipe e eu estava marcando com ele algumas entrevistas para a TV onde eu trabalhava. Depois disso, compareci ao evento, conheci Nilza pessoalmente, mas não encontrei com Adriana. Também conheci Gislei Lazzarotto, pesquisadora da área de psicologia que estava acompanhando Nilza. Toda essa rede de contatos no meio do ano de 2023 me deu base e forças para dar continuidade ao projeto.

Em fevereiro de 2024, estava finalmente com dia e hora marcados para dar início ao trabalho de campo. Fiquei hospedado na casa de Nilza, no povoado Areia Branca, entre os dias 26 e 29 daquele mês e junto dela, de suas irmãs, de Graziela Passos (marisqueira do Mosqueiro, a qual conheci lá) e de Adriana pude vivenciar o trabalho digno da maré. Para minha estadia solicitei empréstimo de equipamento fotográfico junto ao Departamento de Comunicação Social da UFS, já que a minha câmera fotográfica havia apresentado defeito poucos dias antes da minha ida. Além disso, separei uma quantia de R\$200 (duzentos reais) para possíveis gastos in loco com transporte ou qualquer necessidade imprevista.

Durante os quatro dias que fiquei hospedado em Areia Branca, durante os acontecimentos de campo fazia anotações no bloco de notas do celular como uma espécie de diário de campo e, ao final do dia, enviava para a então orientadora do trabalho. Principalmente como forma de registro e memória dos acontecimentos. Foi a partir desses resumos diários que a base do texto do livro foi desenvolvida e aplicada com dados de pesquisas empíricas e notícias sobre determinados assuntos destacados durante os diálogos presentes no livro. Além dos resumos diários, também realizei a gravação de algumas conversas, as quais achava necessário ter este registro para transcrição fiel da fala das personagens.

O processo de pós-produção foi o mais demorado e trabalhoso. Não por lapidar o conteúdo em si, mas pelo contexto psicossocial que eu estava enfrentando. Foi um processo demorado até “recuperar os trilhos”, mas com ajuda profissional e de pessoas queridas, consegui reorganizar a vida. A partir desse ponto, os seguintes projetos foram desenvolvidos. Vale lembrar que o projeto gráfico, sobretudo, foi desenvolvido em parceria com a colega de curso Mylena Duarte, que domina técnicas de design. A diagramação e edição de textos e fotografias foi feita integralmente pelo autor, nos aplicativos Adobe InDesign e Adobe LightRoom.

4.1. Projeto Editorial

Projeto editorial: “Rainhas do Mangue” – Vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe

Autor: Amauri Lima

Introdução:

As mulheres marisqueiras do litoral sergipano enfrentam condições precárias de trabalho, subvalorização e lidam com o preconceito diariamente. Além de formar um ecossistema importante para cidades litorâneas, como Aracaju, capital de Sergipe, os manguezais também exercem função socioeconômica relevante para a subsistência de comunidades tradicionais de marisqueiras. “Rainhas do Mangue” é um mergulho profundo nas histórias, desafios e conquistas dessas mulheres que moldam a cultura e a economia das comunidades litorâneas em Sergipe, através da prática ancestral da mariscagem. Este livro é um reflexo da resiliência, determinação e sabedoria de mulheres que acordam todos os dias com dignidade e coragem para viver a maré.

Objetivo:

O objetivo deste livro-reportagem é compartilhar as narrativas autênticas das mulheres marisqueiras, destacando suas lutas, conquistas e contribuições para suas comunidades e para a preservação do meio ambiente. Além disso, existe um caráter reflexivo, no sentido de ser uma publicação sobre elas, mas também para elas; para que outras mulheres marisqueiras do país possam se enxergar nessa narrativa e emponderar-se na luta pelo bem-estar no manguezal. Em suma, este livro é uma reflexão sobre as vivências da mariscagem para diminuir estigmas e enaltecer as vozes dessas mulheres.

Público-Alvo:

Este livro é destinado a pessoas interessadas em questões de gênero, sustentabilidade, cultura sergipana, bem como estudantes, pesquisadores e ativistas envolvidos em estudos socioambientais. É também destinado a outras mulheres marisqueiras que queiram conhecer e explorar histórias parecidas com as suas.

Estrutura do Livro:

O livro-reportagem está dividido em partes, as quais também foram subdivididas em capítulos menores para promover maior fluidez e encadeamento entre os conteúdos escritos em cada parte do livro. Segue abaixo a estruturação da divisão em partes e capítulos com suas respectivas sinopses:

- **Prefácio (Prof^a Dr^a Liliane Feitoza):**

Reflexões a partir da nossa experiência no desenvolvimento e pesquisa sobre o livro.

- **Encaro meu reflexo nas águas do rio, à beira do mangue lamacento:**

Este texto de apresentação do livro-reportagem traz uma visão geral da região costeira de Sergipe e da importância da mariscagem na cultura local. É um relato pessoal sobre as dinâmicas da cidade de Aracaju que influenciaram na escolha pelo tema. Além disso, esse texto introdutório vai situar a região escolhida para o livro, as mulheres e os primeiros contatos do autor com suas personagens.

- **Dia zero: Minha vida é o mangue**

Esse capítulo vai relatar o primeiro contato com as marisqueiras que são personagens da narrativa, a sondagem para reconhecimento do local e das histórias abordadas no livro. Nele, o autor tem uma conversa mais intimista com duas das personagens que tem maior destaque, buscando conhecê-las e capturar traços de suas personalidades. Adriana e Nilza, primas e marisqueiras do povoado Areia Branca, na Zona de Expansão de Aracaju/SE, relatam suas histórias de vida desde quando começaram a mariscar até os dias atuais e apresentam, por meio de suas falas, a comunidade e algumas questões do povoado.

Esta parte contempla os capítulos: “Cidade-expansão”; “Marisqueira também é raiz que se sustenta”; e, “Próxima parada: “manguezar””.

- **Primeiro dia: A chegada**

A espera para chegar ao povoado Areia Branca e a ansiedade pelo trabalho de campo são detalhadas na abertura desse capítulo. Nele, o autor relata sua chegada à casa de Nilza, onde fica hospedado durante sua estadia na comunidade, e como foi essa recepção. A chegada no fim de tarde já era esperada e o desenrolar da noite é narrado durante uma caminhada noturna que o autor faz com a marisqueira.

Esta parte contempla os capítulos: “O aconchego espalhado pelas ruas de “Areia””; “Cuidado que cura a alma”; e, “A noite revela o cansaço e a esperança de quem vive da maré”.

- **Segundo dia: Um mergulho na lama**

No dia seguinte ao da chegada, o autor embarca, junto às marisqueiras Adriana e Nilza, na jornada árdua da catação de mariscos. Durante o percurso, em um pequeno barco de madeira, o manguezal é apresentado através do relato das mulheres. Seus recantos, belezas e perigos são descritos por quem já tem o mapa daquela área na palma da mão. A narrativa é construída com base na jornada dupla de catar os mariscos e depois fazer a limpeza deles. Já em casa, após a pesca, é chegada a hora de tratar a sutinga (marisco que foi o objetivo desta ida ao mangue) e a luta agora é outra: contra o cansaço do corpo já calejado das horas dentro do mangue.

Esta parte contempla os capítulos: “O portal para as águas salgadas do Vaza-Barris”; “A força da mulher marisqueira”; “Navegar pelo Oiteiro é sinônimo de paz e felicidade”; “Camarão ilegal que adoce o mangue”; “O tapete da sutinga”; e, “De volta ao lar, o trabalho continua”.

- **Terceiro dia: Sonhos que ninguém escuta**

Após catar os mariscos e tratá-los, chega a hora de fazer o cozimento e separar o filé da concha. Esse, que também é um trabalho demorado e cansativo, lembra os personagens que o corpo ainda padece do dia anterior. Apesar disso, é entre uma sutinga e outra que as conversas se desenrolam e revisitam sonhos e histórias de vida. E nesse meio tempo, lá se vão uma manhã e uma tarde inteira; à noite, um jantar na casa de Adriana reverbera a alegria e a cumplicidade que existem para além mangue.

Esta parte contempla os capítulos: “Substância que contamina o pescador”; “Não trago só marisco do mangue; o corpo fala”; “É concha para todo lado”; “Maria-caranguejeira”; e, “Ribanceira: se for, vá na paz”.

- **Quarto e último dia: Marisqueira não navega em rio de concreto**

No penúltimo capítulo, o autor nos apresenta Graziela (Grazi, para os íntimos), que é marisqueira do bairro Mosqueiro, também na Zona de Expansão de Aracaju/SE. A história que ela conta é sobre a sua comunidade e a dificuldade de acesso ao mangue que marisqueiras e pescadores da região estão enfrentando. A comunidade, que fica no Mosqueiro (há 30 min do Areia Branca), está impedida de usar a passagem que tinham para o mangue, porque o novo proprietário do terreno em que ela fica localizada mandou cercar o local e deixou uma passagem em zigue-zague, com menos de um metro, para eles passarem. A cerca de arame farpado impede não só o trabalho, como também a preservação ambiental e estrutural daquele local.

Esta parte contempla os capítulos: “Marcas da vida”; “Concha que protege a marisqueira”; “A maré que (re)existe atrás da cerca”; e, “Brisas de esperança”

- **Caminhos feitos de conchas:**

Este capítulo final traz um tom autoral para finalizar as reflexões construídas pela narrativa do livro. O autor se propõe a fazer um arremate sobre sua vivência enquanto estudante de jornalismo e ativista ambiental, e o que ele observa naquela rotina das mulheres marisqueiras com quem convive por uma semana. O texto parte de um olhar antropológico para perceber como os modos do fazer jornalístico se entrelaçam com a antropologia para refletir e investigar questões sociais. É também uma proposta de análise do papel das mulheres marisqueiras na economia local e a sua contribuição para o sustento de suas famílias e comunidades. Uma discussão sobre as oportunidades e os desafios que as mulheres marisqueiras enfrentam atualmente e como elas estão moldando o futuro de suas comunidades por meio do trabalho, da culinária e da arte.

4.2. Projeto Gráfico

Os elementos do Projeto Gráfico tratam da identidade visual da publicação. Ele é composto por um texto descritivo e um boneco - modelo gráfico simulado de uma publicação, cuja função do é permitir a visualização do veículo, antes da inserção dos textos e imagens finais.

4.2.1. Capa

Inicialmente, a ideia era produzir uma capa cartaz com uma foto de referência preenchendo todo o espaço visual. Contudo, a ideia foi descartada pelo choque entre imagem

e tipografia e optou-se pelo uso da ilustração, para ter maior controle sobre os contrastes entre imagem e tipos. Assim, a ilustração foi desenvolvida com base na foto escolhida para a capa.

Processo de desenvolvimento da capa: primeiro, eu informei à Mylena qual fotografia seria utilizada de base para a ilustração para que ela fizesse os primeiros esboços (representado pela Figura 2).

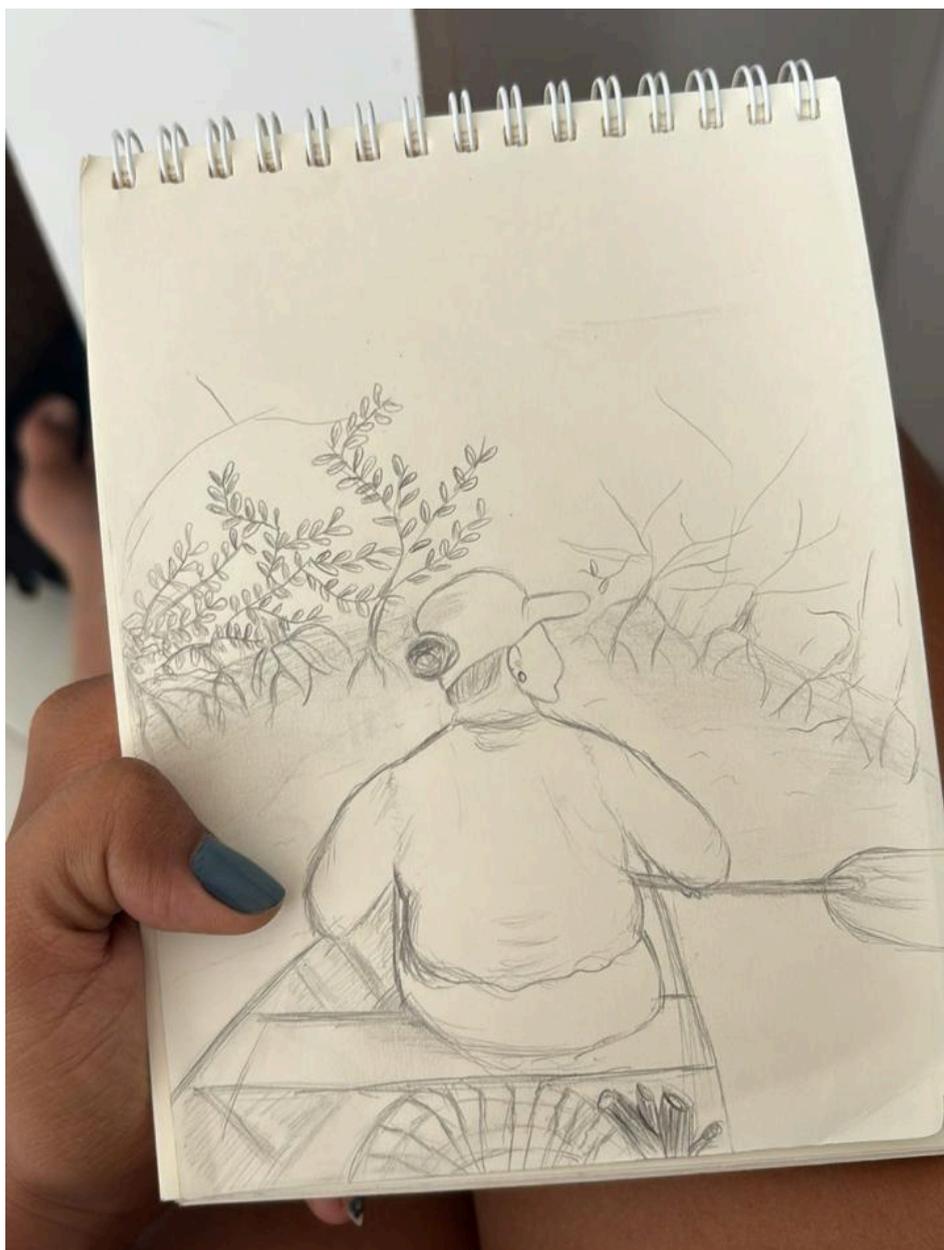


Figura 2 - Esboço feito à mão da ilustração da capa do livro.



Figura 3 - Primeira aplicação do desenho em ambiente digital

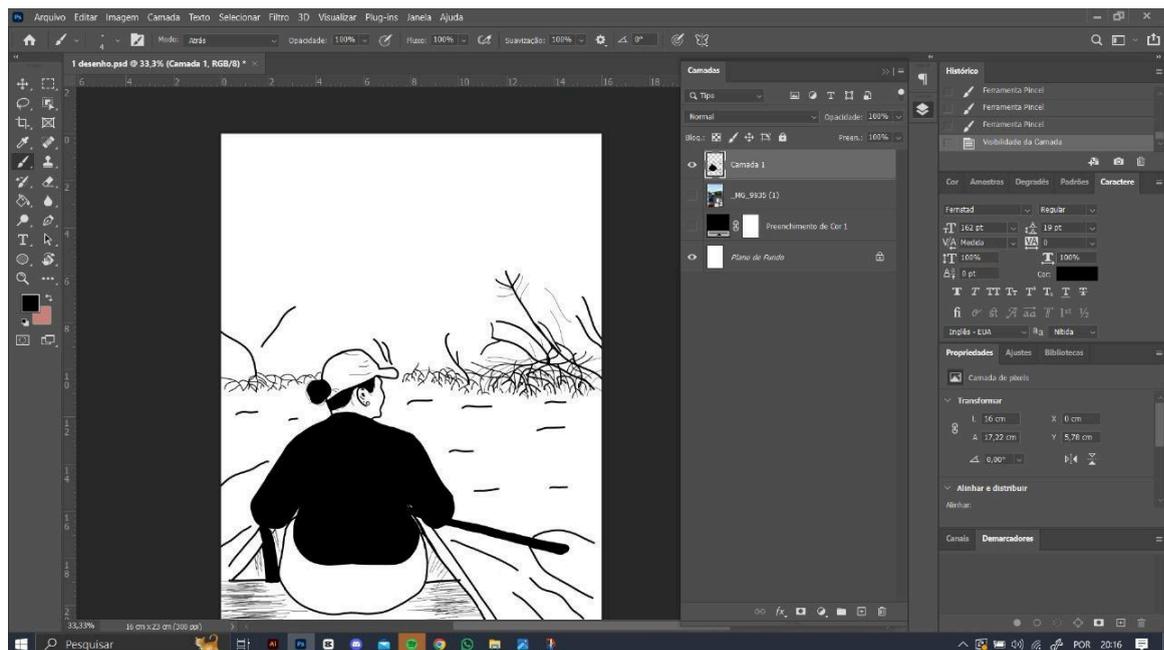


Figura 4 - Segunda aplicação do desenho em ambiente digital



Figura 5 - Terceira aplicação do desenho em ambiente digital

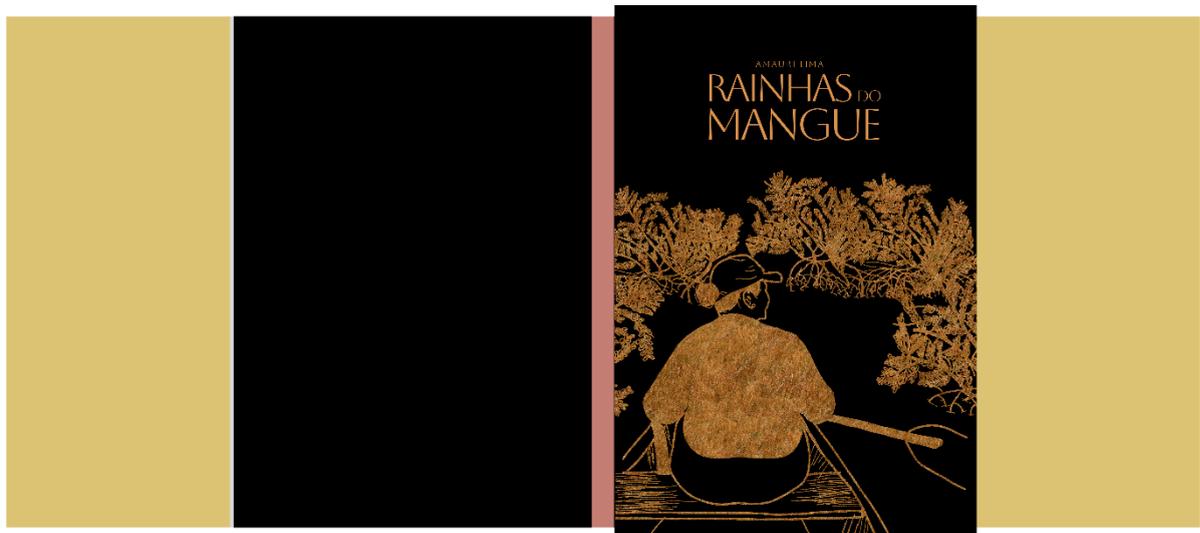


Figura 6 - Primeira aplicação de cores ao desenho

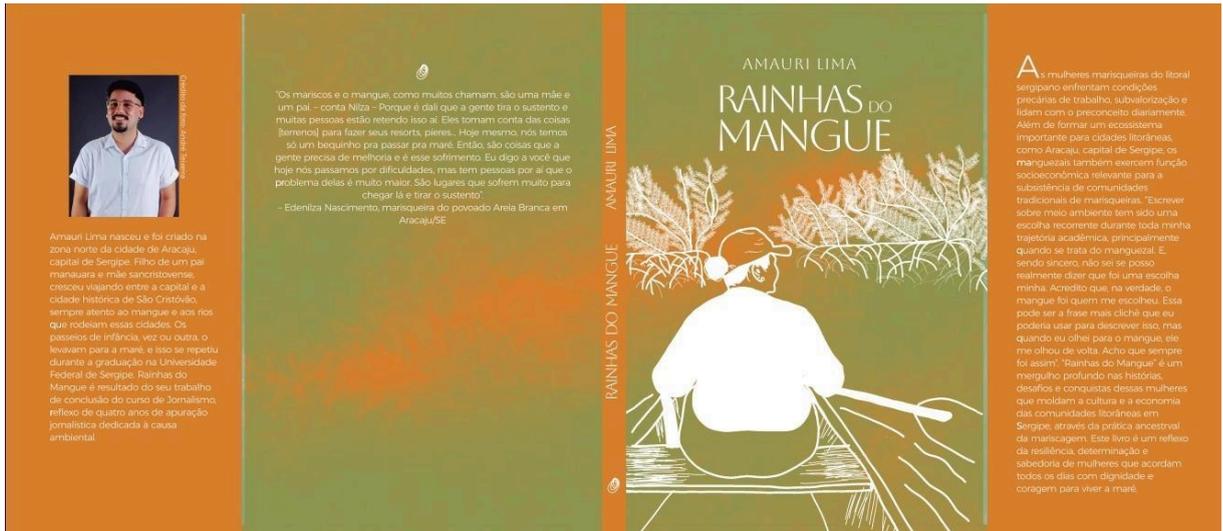


Figura 7 - Segunda aplicação de cores ao desenho

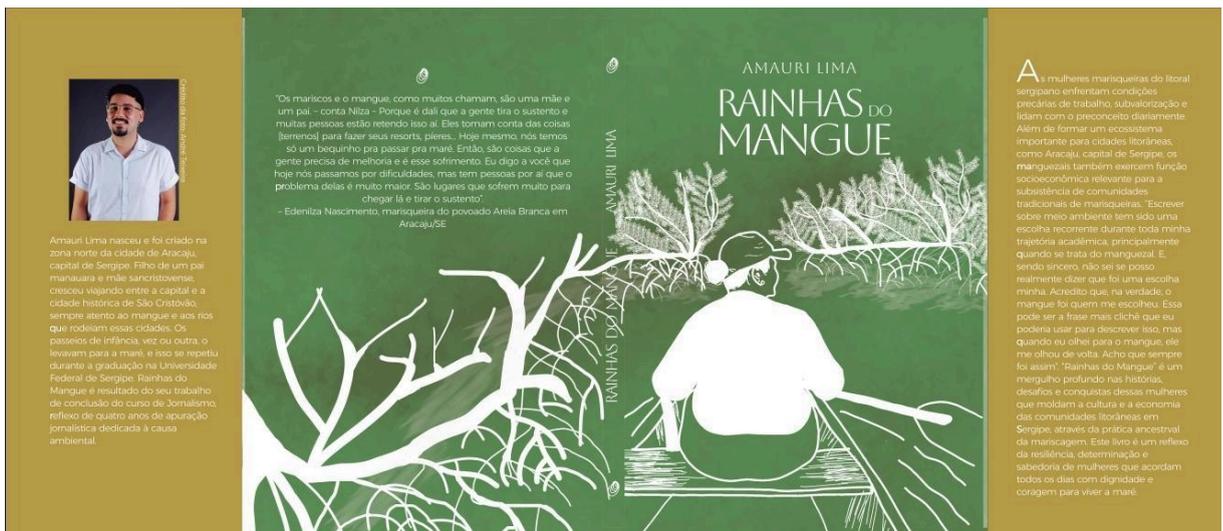


Figura 8 - Terceira aplicação de cores ao desenho



Figura 11 - Aplicação da capa em arte de simulação

4.2.2. Logotipo

A ideia para o nome do livro-reportagem era reforçar a força da mulher marisqueira e trazer sua imagem e emponderamento logo para a capa, deixando o leitor instigado a mergulhar na história. Assim, foi escolhido “Rainhas do mangue: vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe”. “Rainhas do mangue” é um trecho do Hino das Marisqueiras de Sergipe, composto pelo jornalista e poeta Pedro Bomba, a partir das suas vivências na pesca em Sergipe.

*“Sou, sou Marisqueira
 Rainha do mangue, sou guerreira
 Sou, sou Marisqueira
 Mulher de luta, batalhadeira
 Vem mulher, lute e emancipe
 Somos as marisqueiras de Sergipe”* (Trecho do Hino das Marisqueiras)

A concepção da visualidade do logotipo foi desenvolvida em parceria com a designer Mylena Duarte, responsável por elaborar as ilustrações e conceito do logotipo deste projeto. Primeiro ela aplicou um questionário simples para saber as intenções do autor com relação à mensagem que desejava transmitir com o título e com sua visualidade. A partir disso, deu-se início ao processo de criação e desenvolvimento das artes.

6 de agosto de 2024 às 18:03

Briefing Amauri

1. Quais sentimentos você deseja despertar no leitor ao olhar a capa?
2. Sobre a tipografia, você prefere algo que remeta ao tradicional, com serifa, algo mais "regional" que remeta a terra/água, manuscrita ou moderna?
3. Sobre as cores, já tem algo em mente? Posso pegar cores predominantes nas fotos do Drive é que remetam ao tema?
4. Sobre o traço do desenho, prefere uma linha fina ou mais marcante? Um traço contínuo ou algo mais fiel à imagem?

Figura 12 - Formulário enviado pela designer

1. Como a temática é regional, quero que a tipografia reforce um pouco dessa regionalidade. Que ao olhar a capa quem é de Sergipe reconheça aquele estilo e que quem é de fora se interesse em conhecer.

2. Quero algo voltado para o regional com uma pegada mais moderna

3. Não visualizei como podemos brincar com as cores, mas, à princípio, pense nele em branco mesmo. Como a capa já vai ter muitas cores, acredito que seja a melhor opção. Mas se você testar algo que fique interessante, a gente pode ver

4. Ia comentar com vice sobre isso. Na pasta que eu mandei tem algumas referências de capas que eu mandei (ou talvez não, vou olhar e colocar). Eu e outra amiga sonhamos que a capa do livro era preta, mas não sei se vem ao caso algo assim (vou colocar um exemplo de capa preta que eu gosto). Mas acredito que não precisa ser 100% fiel a imagem de referência. Gosto da ideia de brincar com geometria e gosto muito desses desenhos de linha única

19:17 ✓

Figura 13 - Respostas encaminhadas pelo autor



Figura 14 - Logotipo finalizado



Figura 15 - Logotipo finalizado com aplicação de subtítulo e nome do autor

4.2.3. Iconografia e inspirações visuais

O projeto foi visualmente inspirado pelo trabalho de artistas locais. Primeiramente, pelo trabalho de uma designer sergipana chamada Gabi Etinger (@gabietinger.design no Instagram). E também pelas ilustrações e artes internas do livro “As conchas não falam”, da escritora sergipana Taylane Cruz, lançado em fevereiro de 2024.

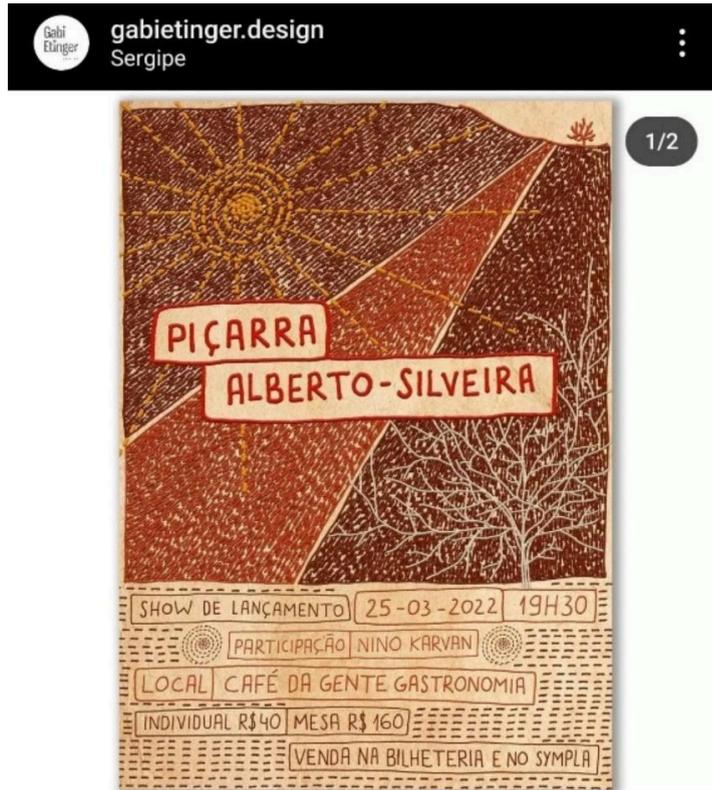


Figura 16 - Captura de tela realizada pelo autor



Figura 17 - Captura de tela realizada pelo autor

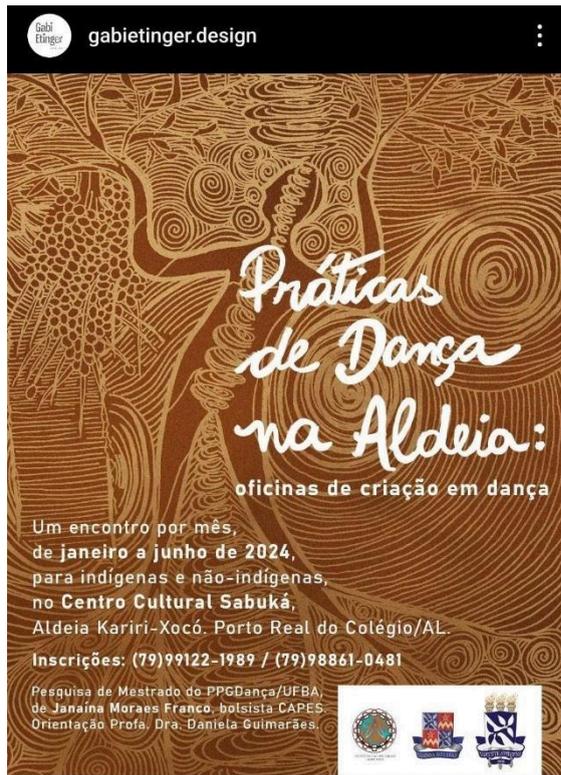


Figura 18 - Captura de tela realizada pelo autor



Figura 19 - Captura de tela realizada pelo autor



Figura 20 - Captura de tela realizada pelo autor



Figura 21 - Captura de tela realizada pelo autor

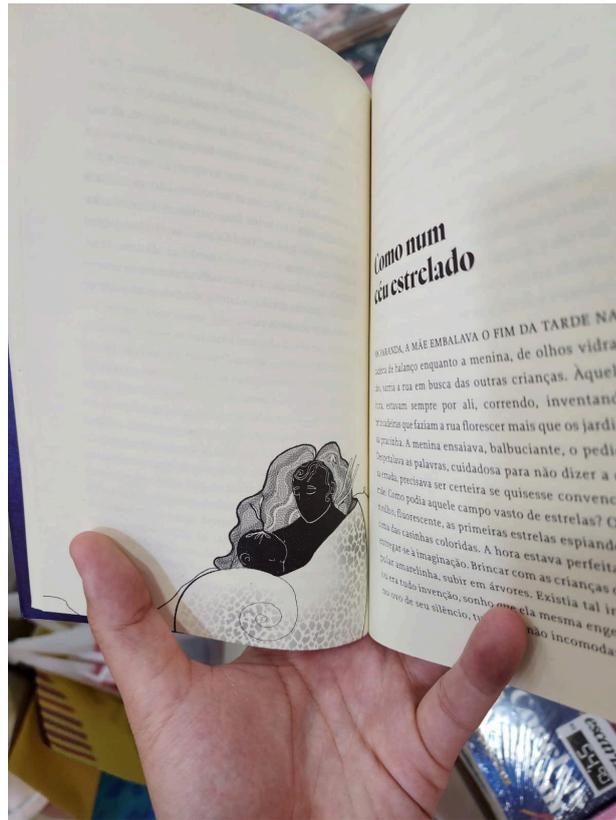


Figura 22 - Fotografia realizada pelo autor



Figura 23 - Fotografia realizada pelo autor



Figura 24 - Fotografia realizada pelo autor



Figura 25 - Fotografia realizada pelo autor

4.2.4. Tipografia

A tipografia foi pensada a partir dos questionamentos feitos pela designer. O principal objetivo é criar um vínculo com o leitor por meio de tipografias sem serifa, que não causem desconforto na leitura. Dessa forma, a fonte “Aboreto Regular” foi escolhida para utilização nos títulos e títulos de destaque, a exemplo da diagramação do sumário do livro e das titulações da capa e seção de referências bibliográficas. Além disso, ela também foi aplicada aos números de páginas regulares.

A fonte “Berlin Sans FB Demi Bold” foi escolhida para pequenos textos de destaque, como as legendas entre fotos, aplicação de tipografia sobre foto, números de páginas que seriam aplicados em páginas cuja foto cobrisse o local do número e destaque de fala do autor. Por fim, a fonte “Candara” foi utilizada em todo o corpo de texto do conteúdo interno do livro. Foi utilizada nos formatos regular, bold, italic e bold italic.



Figura 26 - Aplicação da tipografia escolhida

4.2.5. Paleta de cores

Com objetivo de conquistar uma melhor comunicação com o público, a paleta de cores busca trazer cores que remetam ao ambiente de manguezal. Para isso, foi pensado, a partir das fotografias capturadas no local, cores que predominavam no ambiente e que poderiam gerar essa identificação. Além disso, também se inspirou em paletas de cores já existentes, a exemplo da seguinte combinação:



Figura 27 - Paleta de cores retirada da internet que foi utilizada como inspiração para desenvolvimento da paleta própria para o livro

Dessa forma, obtivemos a seguinte paleta de cores:

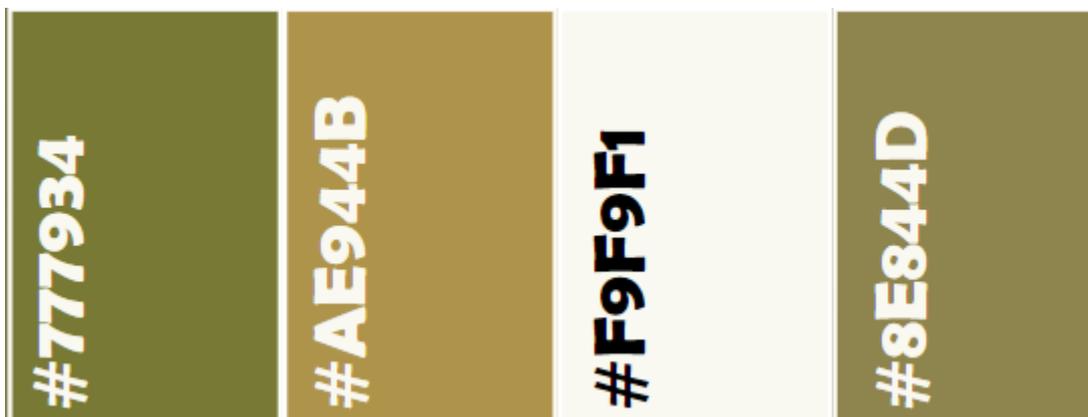


Figura 28 - Paleta de cores do livro

A cor no tom de verde é a predominante. Foi utilizada no fundo da capa, nos detalhes internos do livro e nas ilustrações dos capítulos. Ela representa o verde da folhagem do manguezal. A cor no tom de amarelo foi utilizada apenas nas orelhas do livro, para dar contraste com a cor da capa e complementar o conteúdo visual. Ela representa o sol do dia a dia que as marisqueiras enfrentam na rotina de trabalho.

A cor no tom de branco/marfim foi utilizada na tipografia aplicada sobre as fotografias e no contraste aplicado abaixo dos textos em cor verde, para realçar os escritos. Ela representa a coloração de algumas conchas de mariscos, como as do maçonim. Por fim, a cor no tom de marrom surgiu como subtom da mistura dos tons de verde e amarelo, sendo utilizada no fundo da capa e orelhas para quebrar o padrão chapado da cor aplicada por si só e criar texturas.

4.2.6. Grid e layout de páginas

O grid das páginas do livro foi diagramado em apenas uma coluna, comportando textos e fotos em páginas distintas. Assim, a disposição das fotos na página pode ser feita sem causar prejuízos à proporção das imagens. Além disso, o espaço disponibilizado por essa divisão em coluna única, permitiu maior exposição das imagens fotográficas no produto final, valorizando as imagens junto à narrativa. Por isso, foram estabelecidos 4 (cinco) tipos de layout para disposição das fotografias no miolo do livro.

4.2.6.1. Layout 1 - 2 fotos + legenda entre as fotos.

Uma foto na parte superior da página e outra na parte inferior. Estas fotos devem conversar entre si, com o apoio da legenda para complementar a narrativa visual.

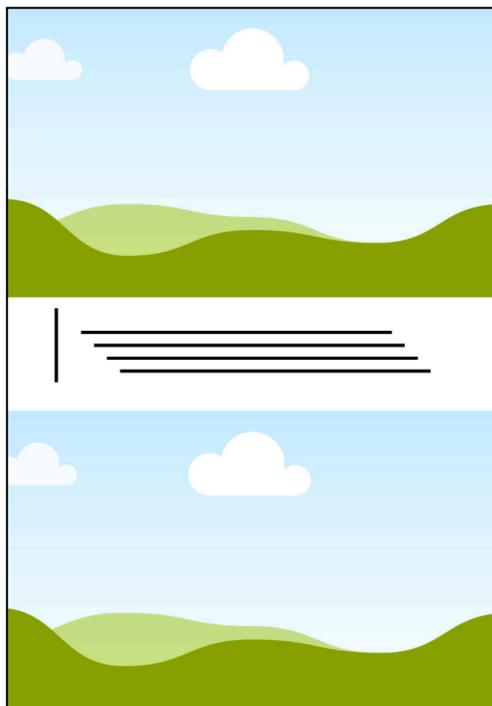


Figura 29 - Boneca layout 1

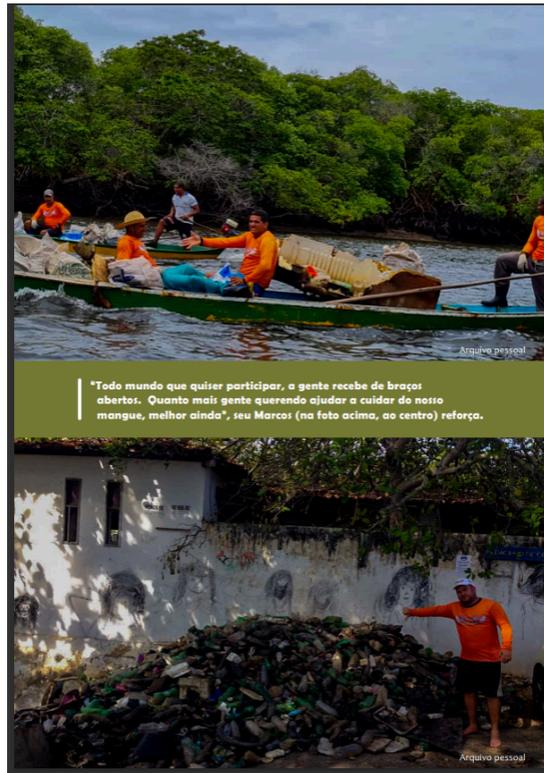


Figura 30 - Aplicação layout 1

4.2.6.2. Layout 2 - Foto em página inteira + sobreposição de tipografia.

A foto deve ser preferencialmente na vertical para evitar distorção e cortes bruscos. Além disso, a fonte a ser aplicada na sobreposição deve ser a Berlin Sans FB Demi Bold e acrescentar contexto à narrativa visual.

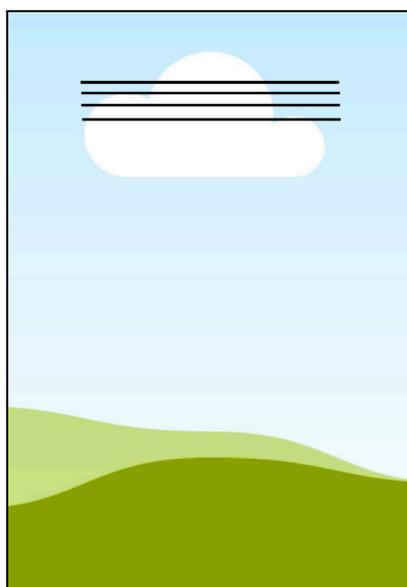


Figura 31 - Boneca layout 2



Figura 32 - Aplicação do layout 2

4.2.6.3. Layout 3 - Foto em página dupla + sobreposição de tipografia.

A foto deve ser preferencialmente na horizontal para evitar distorção e cortes bruscos. Ela também deve acrescentar contexto à narrativa visual apresentada, além de conversar com o que o texto projeta no imaginário do leitor. O texto também deve contextualizar o leitor sobre alguma especificidade da cena mostrada.

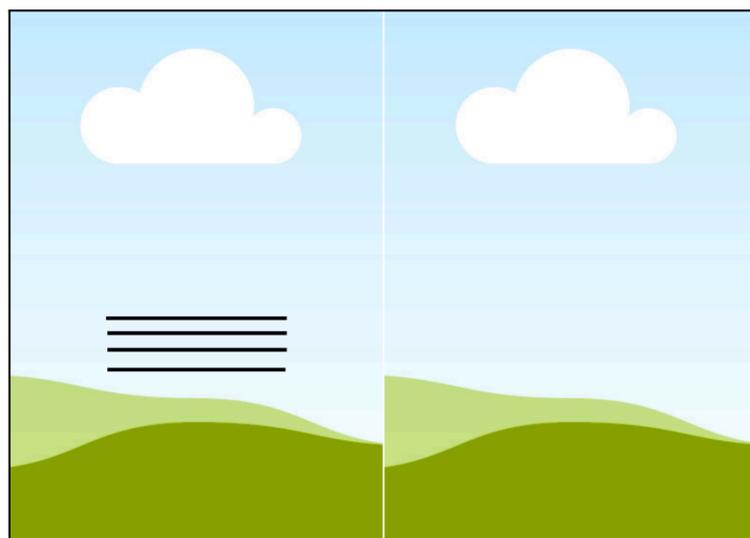


Figura 33 - Boneca do layout 3

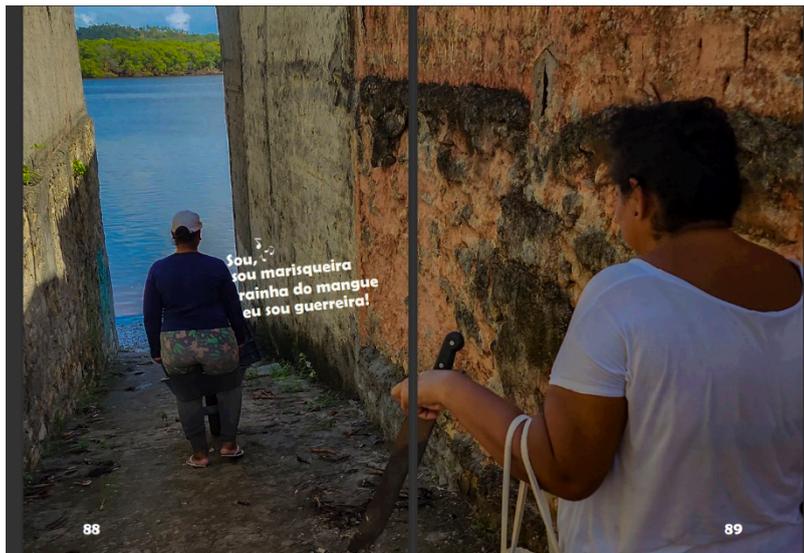


Figura 34 - Aplicação do layout 3

4.2.6.4. Layout 4 - Foto em canto superior direito + legenda.

A foto deve ser preferencialmente na horizontal para evitar distorção e cortes bruscos. Ela também deve acrescentar contexto à narrativa visual apresentada, além de conversar com o que o texto projeta no imaginário do leitor. O texto da legenda também deve contextualizar o leitor sobre alguma especificidade da cena mostrada.

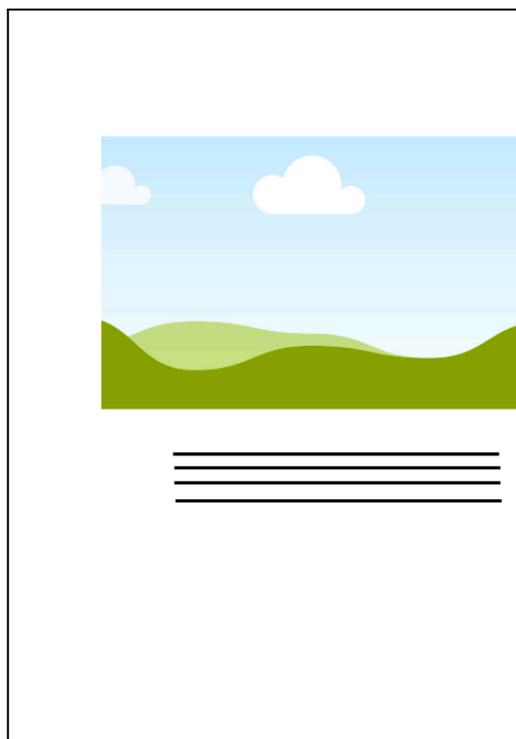


Figura 35 - Boneca do layout 4

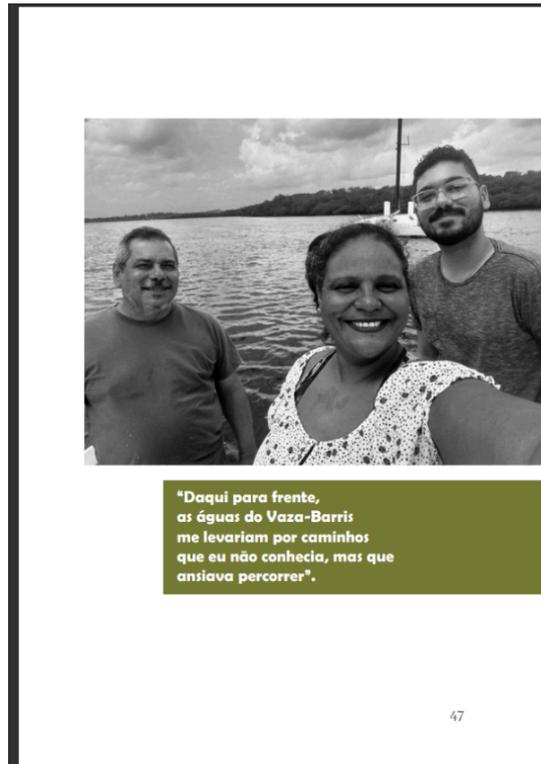


Figura 36 - Aplicação do layout 4

4.2.7. Diretrizes de fotografia e elementos visuais:

Objetivo geral: Registrar a rotina das mulheres marisqueiras em seus territórios, destacando suas práticas de trabalho, tradições, expressões culturais e a relação simbiótica com o meio ambiente.

Estilo fotográfico:

- Documental: As imagens devem ser espontâneas, não posadas, capturando momentos naturais do cotidiano. Isso remete ao estilo de Sebastião Salgado, que propõe uma abordagem humanista em seu trabalho. “A fotografia é uma maneira de captar a dignidade e a alma humana” (Salgado, 2000). Neste contexto, a dignidade das marisqueiras deve ser retratada através de momentos genuínos do seu trabalho.

- Naturalismo: As fotos devem ter uma iluminação predominantemente natural para retratar com fidelidade as nuances do ambiente dos manguezais e a interação das marisqueiras com o meio.

Temas para as fotografias:

- O trabalho no mangue: A captura da extração dos mariscos, as mãos na lama, os gestos repetidos da coleta. As fotos devem transmitir a relação entre o corpo e a natureza, como os movimentos das marisqueiras moldam e são moldados pelo ecossistema.
- Paisagens dos manguezais: A imponência dos manguezais como cenário. Fotografar em diferentes horários do dia (amanhecer, meio-dia e pôr do sol) para capturar as diferentes facetas desse ambiente.
- Rostos e Expressões: Detalhes das expressões faciais, sobretudo em momentos de concentração, esforço ou descanso. Capturar essas expressões transmite a narrativa pessoal das marisqueiras.

Cores e tons:

As cores predominantes devem refletir o ambiente natural: tons terrosos, verdes e azulados, destacando os contrastes da lama, da vegetação e da água. As cores quentes podem ser exploradas no pôr do sol, enquanto as cores frias podem ser enfatizadas nas primeiras horas da manhã. O uso de preto e branco pode ser uma opção para fotografias mais introspectivas ou para destacar texturas e formas.

Composição das fotos:

- Primeiro plano: Os detalhes são essenciais para contar histórias. Fotografar as mãos das marisqueiras, o detalhe dos mariscos, as marcas na pele ou o equipamento que utilizam. Os detalhes falam tanto quanto as grandes paisagens.
- Plano aberto: É importante situar o espectador no espaço. Fotos amplas dos manguezais, do mar ou do horizonte ao fundo, com as marisqueiras em cena, podem representar a integração entre o trabalho e o ambiente.
- Interação humana e natureza: As imagens devem sempre procurar mostrar a interação harmoniosa ou desafiadora entre as marisqueiras e o ambiente natural, uma conexão que remete à ideia de pertencimento.

Ética Fotográfica:

A fotografia documental deve respeitar a dignidade das personagens, evitando clichês ou estigmatizações. O fotógrafo deve adotar uma postura discreta e empática, criando um ambiente de confiança.

Considerações Técnicas:

- Equipamento: Utilização de lentes grande angulares para captar paisagens e ambiente. Uso de lentes de médio alcance para retratos, mantendo uma distância respeitosa.
- Iluminação: Aproveitar ao máximo a luz natural, evitando flashes que possam alterar a autenticidade dos momentos capturados.
- Edição: Minimizar o uso de filtros artificiais, mantendo a essência e realidade dos ambientes e personagens.

5. Conclusão

Estar ao lado dessas mulheres, acompanhando suas rotinas no mangue, me fez refletir sobre o quanto o jornalismo tradicional, muitas vezes, não consegue capturar a profundidade das histórias humanas. Por isso, a necessidade de estar presente, de vivenciar as práticas de mariscagem, foram essenciais para contar, de forma mais autêntica, o que vi, ouvi e senti. Raul Hernando Vargas (1999), pesquisador e doutor em comunicação, fala que a apuração jornalística implica em ir a campo, em observar a realidade e conversar com as pessoas que fazem parte da narrativa contada. É um pouco de como Eliane Brum, escritora e jornalista, se define. No lugar de “escritora e jornalista”, ela se autodeclara “escutadeira”. “Todo o meu olhar sobre o mundo é mediado por um amor desmedido pelo infinito absurdo da realidade. E pela capacidade de cada pessoa reinventar a si mesma. [...] Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história presente, a história em movimento” (BRUM, 2017, p. 13-14).

Fabiana Moraes, outra escritora e jornalista (todo jornalista não é escritor? De fato. Mas, nem todo escritor é jornalista), contemporânea de Eliane Brum, também remete a essa ideia de compartilhamento com o outro tudo aquilo que produz. Em um artigo publicado em um blog pessoal ela reconhece seu lugar enquanto jornalista. “Aprendi, há anos, que não falo por ninguém, nem quero mais falar sobre ninguém. Eu quero falar com” (MORAES, 2017c).

O jornalismo, no entanto, caminha lado a lado com metodologias etnográficas. Isso me permitiu não apenas narrar fatos, mas interpretar os significados que essas vivências no mangue carregam. A relação entre etnografia e jornalismo é, como Mara Ferreira Rovida (2015) defende, uma aproximação possível e desejável, uma vez que ambas as áreas compartilham um compromisso com a pesquisa empírica e com a busca por uma descrição

que vá além do visível. Ao fazer isso, o jornalismo assume um papel que transcende a simples mediação de informações, tornando-se um agente de interpretação e transformação social. Esse desejo foi o que norteou a produção deste livro.

A etnografia é um campo de estudo que se debruça sobre os significados e os símbolos presentes nas práticas culturais, e ao incorporar esse método, o jornalismo se aprofunda nas histórias que conta, produzindo uma narrativa que não é apenas informativa, mas também reveladora. No meu caso, isso foi essencial para compreender como o trabalho no mangue vai além do mero aspecto econômico; ele está profundamente ligado à identidade e à luta por direitos, questões que são muitas vezes invisibilizadas ou subestimadas em abordagens jornalísticas tradicionais.

Para Clifford Geertz (1988 *apud* ROVIDA, 2015), descrever uma cultura não é apenas listar suas características, mas interpretar os significados dos atos e gestos observados, em um contexto mais amplo de entendimento social e cultural. No caso das marisqueiras, isso significou não apenas observar o trabalho diário delas no manguezal, mas compreender como cada gesto – da coleta do marisco ao cuidado com as ferramentas de trabalho – carrega significados relacionados à resistência, à preservação de um modo de vida e à transmissão de saberes entre gerações.

O jornalismo, aqui, assumiu um caráter de mediação. Nesse processo, enquanto jornalista, eu não trago apenas o relato dos fatos, mas atuo como mediador entre as protagonistas das histórias e o público. Tento trazer para o leitor, o significado de tudo aquilo que observei, revelando laços profundos que conectam essas mulheres ao ecossistema do mangue e às dinâmicas sociais e econômicas que o cercam. Esse é o tipo de jornalismo que não apenas informa, mas transforma como enxergamos o mundo e os sujeitos que nele habitam. É o jornalismo que eu acredito e que faço aguerrido.

Como disse em uma das reuniões com Liliane, sempre fui mais ouvinte do que entrevistador. Foi ela quem acompanhou, desde as disciplinas práticas da graduação, meus processos de compartilhamento com o mangue que resultaram na formulação do projeto desse livro – construímos juntos as bases desse projeto.

Nunca soube ao certo guiar uma entrevista, acho que, muitas vezes, o engessamento da entrevista pode deixar escapar a humanização. No livro "Entrevista: o diálogo possível", Cremilda Medina ressalta que a entrevista vai além de uma simples troca de perguntas e respostas, sendo um processo de interação dialógica. A ideia de “diálogo possível” propõe

que o entrevistador e o entrevistado se encontrem em um campo de trocas simbólicas, onde ambos se constroem mutuamente no processo comunicativo.

Essa abordagem contribui para o que Medina chama de “entrevista humanizada”, que não apenas extrai informações, mas valoriza o percurso emocional e existencial de quem está falando. Assim, o entrevistador se coloca como um mediador sensível e aberto às histórias, e não como alguém que impõe uma estrutura rígida de questionamentos. Por isso, tentei estabelecer uma relação de troca com essas mulheres, criando espaço para que suas histórias fossem contadas com autenticidade e profundidade que eu sabia que tinham.

A narrativa construída neste livro-reportagem é uma narrativa de resistência, mas também de autoconhecimento. As marisqueiras de Sergipe enfrentam não apenas as adversidades do trabalho árduo no mangue, mas também o descaso das políticas públicas, as dificuldades impostas pelas mudanças climáticas, e o peso das desigualdades de gênero. São mulheres que, dia após dia, lutam pela sobrevivência em um ambiente que, para muitos, é inóspito, mas que para elas é fonte de vida, sustento e identidade. Mostrar essa identidade, para você que está lendo, foi uma oportunidade de também me encontrar dentro do jornalismo, saber o que eu quero e com o que me identifico.

Neste sentido, como Mara Rovida explica, o jornalismo e a etnografia caminham juntos, enquanto ambos buscam compreender o outro em sua complexidade, oferecendo uma visão mais ampla e profunda das suas dinâmicas sociais e culturais. As marisqueiras de Sergipe não são mais vistas como personagens exóticas ou distantes; através dessa narrativa, elas se tornam próximas, reais, humanas. Busco não apenas descrever, mas interpretar o que foi observado e vivido, construindo pontes entre o universo dessas mulheres e o público leitor.

Ao concluir esta narrativa, o que fica é a certeza de que o jornalismo pode e deve ser mais do que um veículo de notícias. Ele tem o potencial de ser um espaço de diálogo, de construção de conhecimento e de transformação. Este livro-reportagem, ao dar visibilidade às vivências de marisqueiras em Sergipe, cumpre esse papel, ao mesmo tempo em que desafia o leitor a refletir sobre as questões mais profundas que atravessam essas histórias: o papel da mulher na sociedade, as dinâmicas de poder e exclusão, a luta pela preservação ambiental, e a resistência frente às adversidades.

Assim, "Rainhas do Mangue" oferece uma visão íntima e empoderada das vidas de mulheres marisqueiras em Sergipe, celebrando sua força, resiliência e contribuições para suas

comunidades e para o mundo. Que este livro seja uma fonte de inspiração e reconhecimento para todas as mulheres que enfrentam as marés da vida com coragem e dignidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMBIENTEBRASIL. **Levantamento mostra que Brasil perdeu 20% dos manguezais em 17 anos.** 2017. Disponível em:
<https://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping/2017/05/01/136557-levantamento-mostra-que-brasil-perdeu-20-dos-manguezais-em-17-anos.html>. Acesso em: 19 de set de 2023
- ARAUJO, Acácia Santos de; COSTA, José Eloizio da; NASCIMENTO, Patricia Oliveira do; FEITOZA, Daniela Santos; PINHEIRO, Fabiana dos Santos. **PROTAGONISMO INVISÍVEL: A IMPORTÂNCIA E OS DESAFIOS DAS MARISQUEIRAS DE ILHA GRANDE.** In: **Revista Científica Multidisciplinar – Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia**; v.4, n.1, 2023. Disponível em:
<https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/2487/1889>. Acesso em: 02 de set. de 2023
- BRASIL. **Decreto Federal nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2000.** Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 13 de out. de 2023
- BARRETOS, Dayane do Carmo. O narrar e o Outro: uma reflexão sobre a alteridade na construção de narrativas jornalísticas. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 18, n. 1, p. 175-184, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e77095>. Acesso em: 15 out. 2024.
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. In: **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 15, p. 33-44, jan./jun., 2007. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/made/article/download/11897/8391>. Acesso em: 09 de out. de 2023
- COIMBRA, Oswaldo. **O Texto da Reportagem Impressa.** São Paulo: Summus, 1987.
- CUTÓDIO, Robson. **Com os pés na lama:** Histórias de pescadores e sobrevivência no manguezal. Curitiba, Paraná: Íthala, 2014.
- DUARTE, Thiago Lima Santana; REZENDE, Viviane Almeida. Degradação dos manguezais em Aracaju/SE (Brasil): impactos socioeconômicos na atividade de catador do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*). In: **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v.7, n.1, p. 86-97, 2019. Disponível em:
<https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/189>. Acesso em: 11 de jul. de 2023

INSTITUTO ECOBRASIL. **Comunidades ou Populações Tradicionais**. 2023c. Disponível em:

<http://www.ecobrasil.eco.br/noticias-rodape/1272-comunidades-ou-populacoes-tradicionais>.

Acesso em: 13 de out. de 2023

FREITAS, Simone Tupinambá; PAMPLIN, Paulo Augusto Zaitune; LEGAT, Jefferson; FOGAÇA, Fabíola Helena dos Santos; BARROS, Roseli Farias Melo de. Conhecimento tradicional das marisqueiras de Barra Grande, área de proteção ambiental do delta do Rio Parnaíba, Piauí, Brasil. In: **Ambiente & Sociedade**. São Paulo, v. XV, n. 2, p. 91-112, mai.-ago, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/87FVttCMbWFCJq4BcLB798h/#>. Acesso em: 02 de set. de 2023

ICMBIO. **Atlas dos Manguezais**. Brasília, 2018. Disponível em:

https://ava.icmbio.gov.br/pluginfile.php/4592/mod_data/content/14085/atlas%20dos_manguezais_do_brasil.pdf. Acesso em: 18 de set de 2023

JOHN, Liana. Imprensa, meio ambiente e cidadania. **Ciência & Ambiente**, v. 23, p. 87-94, 2001. Disponível em:

<http://lianajohn.com.br/wp-content/uploads/2022/09/ImprensaMeioAmbienteECidadania.pdf>. Acesso em: 09 de out. de 2023

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. 2007. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LIMA, Amauri; FERREIRA, Mateus. **Museu do Mangue permanece em abandono e reflete descaso com o bioma em Aracaju**. 01/09/2022. Disponível em:

<https://portalcontextoufs.wixsite.com/zonacontexto/post/cr%C3%B4nica-o-que-se-esconde-na-s-ra%C3%ADzes-do-apicum>. Acesso em: 09 de out. de 2023

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. In: **Anuário Antropológico/2002-2003**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004. p. 251 – 290. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/download/6871/7327/15091>. Acesso em: 13 de out de 2023

MINISTÉRIO DA SAÚDE; INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES; FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Cartilha marisqueiras**: saúde das mulheres das águas. 2022. Disponível em:

<https://www.cpqam.fiocruz.br/uploads/Arquivos/bb5850b8-5782-4fb3-8153-9e4663a8abd7.pdf>. Acesso em: 25 de ago. de 2024

MONTELES, Josinete Sampaio; CASTRO, Tatiana Cristina Santos de; VIANA, Daniela Cristina Pires; CONCEIÇÃO, Franceleide Soares; FRANÇA, Victor Lamarão de; Izabel FUNO, Cristina da Silva Almeida. PERCEPÇÃO SOCIO-AMBIENTAL DAS MARISQUEIRAS NO MUNICÍPIO DE RAPOSA, MARANHÃO, BRASIL. In: **Revista Brasileira de Engenharia de Pesca**, v. 4 (2), p. 34-45, 2009. Disponível em:

<https://ppg.revistas.uema.br/index.php/REPESCA/article/view/141/203>. Acesso em: 02 de set. de 2023

PENA, Paulo Gilvane Lopes; MARTINS, Vera; REGO, Rita Franco. Por uma política para a saúde do trabalhador não assalariado: o caso dos pescadores artesanais e das marisqueiras. In: Dossiê Temático: Atenção Integral em Saúde do Trabalhador: Desafios e Perspectivas de uma Política Pública. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 38 (127), p. 57-68, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/f9d9MYZTJWPFbKBV9jwqR7r/?lang=pt>. Acesso em: 02 de set. de 2023

OLIVEIRA, Franciele. **Quem protege quem?** O caso Genivaldo e o medo da polícia. Orientadora: Sonia Aguiar Lopes. 2023. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. O que é livro-reportagem. In: **Coleção Primeiros Passos**; 286. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri, São Paulo: Manole, 2004.

ROVIDA, Mara Ferreira. **Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica**. Líbero, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan./jun. 2015

SANTANA, Jose Paulo; OLIVEIRA, Eduardo Vinícius da Silva; DANTAS, Túlio Vinícius Paes; LANDIM, Myrna Friederichs; ROCHA, Patrício Adriano da. Fitossociologia de

manguezais em zonas urbanas: um estudo de caso em Aracaju, Sergipe. **Revista Brasileira de Geografia Física**, [S. l.], v. 13, n. 5, p. 2103–2113, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/rbgfe/article/view/244127>. Acesso em: 25 de set. de 2023

SANTOS, Joelma Almeida dos. **As Mestras dos Saberes: Trajetórias e práticas das mulheres negras marisqueiras no município de Valença – Ba.** Orientadora: Fábيا Barbosa Ribeiro.

2021. 138f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais – PPGER, Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, 2021.

Disponível em:

https://sigconteudo.ufsb.edu.br/arquivos/2022057207c86c712691a36bf06c088a/DISSERTAO_JOELMA_-_REVISO-1.pdf. Acesso em: 02 de set. de 2023

SERELLE, Márcio. A personagem no jornalismo narrativo: empatia e ética. In: **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 2, p. 44-62, maio-ago. 2020. Disponível em:

<https://orcid.org/0000-0001-6124-5464>. Acesso em: 15 out. 2024

SERGIPE. **Lei n.º 9.071, de 16 de dezembro de 2022.** Declara o caranguejo patrimônio cultural imaterial do Estado de Sergipe. Leis Estaduais, 16 dez. 2022. Disponível em:

<https://leisestaduais.com.br/se/lei-ordinaria-n-9071-2022-sergipe-declara-o-caranguejo-patrimonio-cultural-imaterial-do-estado-de-sergipe>. Acesso em: 15 out. 2024

TAVARES, Raíra Pereira; PEREIRA, Mônica Cox de Britto. Mulheres do mangue e da restinga: Relato de experiência sobre as marisqueiras e catadoras de mangaba do município de Estância, litoral sul de Sergipe, Brasil. In: **Cadernos de Agroecologia – Anais do 3º**

Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia, v. 15, n. 3, 2020. Disponível em:

<https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/6379>. Acesso em: 02 de set. de 2023

APÊNDICES

1. Pré-definições de TCC 1

TEMA: A vivência da relação conflituosa entre a cidade de Aracaju e o ecossistema do manguezal através da experiência de vida das mulheres do Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS)

“Somos mulheres marisqueiras! Rainhas do mangue, mulheres guerreiras!”

– trecho do “Hino das Marisqueiras” (composto por Pedro Bomba) - ter antes dos capítulos trechos desse hino?

Formato: Livro-reportagem

Angulações:

- Texto de abertura (Introdução)
- Apresentar o MMS: quem são as mulheres, o que fazem, há quanto tempo existe, lutas, projetos, etc;
- Contextualizar a relação conflituosa entre a cidade (estrutura) e o manguezal;
- Fazer um breve resgate histórico da relação entre as comunidades e os manguezais.
- Capítulos (5 ou 6) nos quais seria escolhida uma personagem (uma mulher marisqueira) para contar a sua história dentro da mariscagem, sua rotina (diária ou da pesca/catação) e, ao longo da narrativa dessa vivência, serão abordados os itens dos tópicos abaixo (não necessariamente na ordem em que estão). Todas essas histórias das marisqueiras teriam uma deixa para o capítulo final do livro, que reuniria todas elas em um dia de catação no mangue (o relato de um dia no mangue – e trazer reflexões dela sobre o futuro e a preservação do ambiente).

Tópicos a serem abordados no livro:

- TÓPICO 1: Consequências da degradação do manguezal
- Discussão sobre os impactos negativos da degradação do manguezal na cidade de Aracaju, como aumento da erosão costeira, vulnerabilidade a enchentes (pauta das águas?) e perda de biodiversidade;

- Discussão sobre os impactos dessas ameaças na saúde dos manguezais e nas comunidades locais - relatos do MMS com exemplos de eventos/situações que evidenciam essas consequências.

... são causadas pela:

- TÓPICO 2: Urbanização e expansão e as ameaças aos manguezais de Aracaju
- Identificar as principais ameaças enfrentadas pelas marisqueiras, como a urbanização, a poluição do manguezal e a exploração inadequada dos recursos naturais (carcinicultura, exploração de madeira, etc);
- Falar sobre o crescimento urbano de Aracaju e seu impacto no ecossistema do manguezal – resgate histórico da construção da cidade e especulação imobiliária hoje;
- Exemplificar as atividades humanas que causam degradação do manguezal: aterramento, poluição e despejo de resíduos (uma pegada mais jornalismo investigativo/de denúncia).

... esse processo resulta dos:

- TÓPICO 3: Interesses econômicos e a importância socioeconômica dos manguezais
- Explorar os benefícios econômicos gerados pelos manguezais, como a pesca, o turismo e a proteção dos recursos hídricos;
- Análise dos diferentes interesses e atores envolvidos na relação conflituosa entre a cidade e o manguezal, como empresas, setores imobiliários, pescadores e comunidade local;
- Exploração das tensões e disputas decorrentes desses interesses divergentes;

... isso reforça a:

- TÓPICO 4: Importância ecológica e serviços de apoio prestados pelo manguezal
- Explicar sobre a biodiversidade e a interação entre os componentes do ecossistema de manguezal;

- Falar do papel dos manguezais na proteção costeira e contra desastres naturais;
- Apresentar os benefícios proporcionados pelo manguezal, como a proteção costeira, a filtragem de poluentes, a produção de alimentos e a manutenção da biodiversidade;
- Destacar a importância desses serviços ecossistêmicos para as marisqueiras e para a cidade.

... por isso, são pensadas:

- TÓPICO 5: Ações de conservação e projetos em Aracaju
- Apresentação de iniciativas locais, governamentais e da comunidade, voltadas para a preservação dos manguezais (como ONGs, institutos e projetos, por exemplo);
- Projetos que utilizam os manguezais de forma sustentável para o desenvolvimento local, projetos de restauração e recuperação dos manguezais em Aracaju;
- Narrativas de resistência e luta pela preservação do ecossistema - MMS, mulheres e ativistas.

... essas ações nos levam a pensar em:

- TÓPICO 6: Desafios e perspectivas futuras sobre os manguezais
- Discussão sobre estratégias de reconciliação entre a cidade e o manguezal, como o planejamento urbano sustentável, a educação ambiental e o engajamento da comunidade – que ações estão sendo postas em prática pelo governo local/municipal para cuidar do manguezal?;

Inspirações/Referências:

- **A casa do mangue**, um bistrô construído próximo ao mangue (exemplo para o último capítulo?) - <https://www.instagram.com/acasadomanguese/?hl=pt>
- **Muda Mangue** - projeto de reflorestamento e produção de mudas, realizado pela Sema em parceria com o shopping Riomar. No terraço do shopping tem um viveiro onde as mudas ficam armazenadas até se desenvolverem bem para serem plantadas.

- **Jogando limpo com o mangue** - projeto que reúne voluntários para coleta de lixo no manguezal realizado pelo shopping Riomar. https://www.instagram.com/p/CA8L4SUh_AZ/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==
- **Mangue no bairro 13 de Julho, em Aracaju, está em degradação crescente** - <https://www.f5news.com.br/cotidiano/mangue-no-bairro-13-de-julho-em-aracaju-esta-em-situacao-de-degradacao-.html>
- **Situação dos manguezais preocupa** - <https://jornaldacidade.net/cidades/2019/06/309367/situacao-dos-manguezais-preocupa-.html>
- Derivações antropogênicas e Evolução do manguezal nos bairros 13 de julho e Jardins em Aracaju-SE - <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/download/233038/26964>.
- **Atlas dos Manguezais (2019)** - <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/icmbio-lanca-atlas-dos-manguezais-do-brasil>
- **Dinâmica da ocupação urbana no bairro Jardins e sua relação com tensores ambientais no manguezal do Tramandaí em Aracaju-Se** - <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/download/2426/2108/0>
- **Fitossociologia de manguezais em zonas urbanas: um estudo de caso em Aracaju, Sergipe** - <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/download/244127/36897>
- **Degradação dos manguezais em Aracaju/SE (Brasil): impactos socioeconômicos na atividade de catador do caranguejo-uçá** - <https://www.revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/189/194>
- **Com os Pés na Lama: Histórias de Pescadores e a Sobrevivência no Manguezal**

Nos passos insuflados pela curiosidade de Robson e Dico, o manguezal será visto e marcado de uma forma inesperada. E não são somente causos. O manguezal é um ambiente bastante peculiar e que desperta o interesse a cada nova história contada.

Dentre os vários desconfortos, as butucas e o cheiro forte se destacam. E como é viver isolado das grandes cidades? Quais as histórias que estão resguardadas por seus nativos? Suas

peculiaridades é motivo que leva o jornalista a enfrentar as dificuldades de acesso, de ambiente e de convívio para contar as histórias das pessoas dispostas a enfrentar os problemas (e alegrias, por que não?) da sobrevivência na região.

Com os Pés na Lama é um livro de denúncias, tristezas e alegrias, costumes, cultura, religião e ironias. Tudo em uma reunião de vivências de moradores que sonham e correm para sobreviver em uma região pouco vista e visada

Robson Custódio nasceu em Alta Floresta, no extremo norte do Mato Grosso, em 1989. É jornalista e professor, pós-graduado em Jornalismo Literário. No jornalismo, começou a caminhada em assessorias de imprensa e veículos diários. Na docência, como voluntário em um curso pré-vestibular. Hoje, reveza-se entre as produções editoriais e as salas de aula. Em 2011, foi finalista do Prêmio Expocom da Região Sul, na categoria livro-reportagem. Com os pés na lama é seu primeiro livro

<https://www.ithala.com.br/produto/com-os-pes-na-lama-historias-de-pescadores-e-a-sobrevivencia-no-manguezal/>

- **III SEMINÁRIO DAS ÁGUAS MANGUES DO RIO** - https://www.researchgate.net/profile/Carlos_Alberto_Figueiredo_da_Silva/publication/323344875_MANGUES_DO_RIO/data/5a8ef8c445851535bcd374c6/livro-seixas-mangue-final-com-ISBN.pdf
- **Vida no mangue - Parte 1 - 12/06/2012** - <https://globoplay.globo.com/v/1989393/>

Possíveis fontes:

- **Myrna Landim** - a maioral do mangue e prof^{ta} aposentada da ufs - <https://myrmlandim.org/> (79 9 8818-8135)
- **Sidiany Caduda** - Professora de Biologia e pesquisadora da UFS (*sem contato*)
- **Viviane Paixão** - analista ambiental do shopping Riomar (79 9 8134-7397)
- **Instituto Bioterra** - OSC com experiências em projetos de Extensão Florestal e Educação Ambiental em comunidades rurais. Ecoloja no Shopping Riomar AJU. <https://www.instagram.com/institutobioterra/>
- **Instituto Canto Vivo** - ONG que trabalha com reflorestamento e educação ambiental. <https://www.instagram.com/institutocantovivo/>

- **Aracaju Lixo Zero** - <https://www.instagram.com/aracajulixozero/> (sem informações)
- **Heloísa Rodrigues** - funcionária da SEMA, coord. do plano de requalificação urbana de Aracaju e engenheira ambiental (profª na Fanese) - 79 9 9844-9171
- **Raphaella Ribeiro** - Bióloga e Analista Ambiental - 79 9 9123-3726 (https://www.instagram.com/sustentase_rapharibeiro/)
- **Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS)** - Pedro Bomba (ASCOM - (31) 9 9160-8519)
- **Gislei** - Grupo Narrativas (confirmar nome) (UFS) - fazendo pós-doc na UFS e em contato direto com as marisqueiras - agendar visita na reunião do grupo - (51) 9 8056-2552

2. Diário de produção (não finalizado)

4 de agosto de 2023

Esse foi um dia que começou antes de sê-lo. Dá para dizer que foi a “semana 4 de agosto”. Tudo começou quando na segunda-feira, 31 de julho, Pedro Nascimento (chefe de produção do Jornal da Aperipê) mandou no grupo do WhatsApp da produção do jornal a sugestão de fazermos um PG (pré-gravado, simulando uma entrevista ao vivo) sobre o evento “Da cata ao prato”, promovido pelo Movimento das Marisqueiras de Sergipe (MMS). O evento aconteceria nos dias 4 e 5 de agosto, no Museu da Gente Sergipana, e contaria com exibição de curtas, feira de artesanato e comidas feitas pelas marisqueiras, rodas de conversa, oficinas e show.

Eu já tinha visto o anúncio do evento no Instagram, mais cedo, e também enviado no grupo como sugestão. Tempo depois, Pedro mandou também o release do evento e o contato da assessoria de imprensa. Já estava super interessado no evento, principalmente por ser uma oportunidade de entrar em contato com possíveis fontes para o TCC. Então, logo disse que iria pautar e abri a lauda da pauta no sistema.

Comecei a escrever o texto de orientação da repórter e logo fui contatar o assessor do MMS, Pedro Bomba. Liguei e tivemos uma conversa breve, ele estava dirigindo. Ainda assim

consegui explicar sobre o que era e ele disse para ligar um pouco mais tarde. Assim o fiz e deixei as informações confirmadas por mensagem.

[31/07/2023 16:56] Amauri Lima: Boa tarde, Pedro!

[31/07/2023 16:57] Amauri Lima: Amauri aqui, da Aperipê TV

[31/07/2023 16:57] Pedro Bomba: Boa tarde! Amauri

[31/07/2023 16:59] Amauri Lima:

Pauta

Entrevista sobre a 1º Feira Cultural das Marisqueiras de Sergipe

Vamos falar sobre o evento, o que vai ser realizado, quais as atrações e reforçar o convite para o público.

Local: Aperipê TV (Rua Laranjeiras, 1837, Centro - Aracaju)

Horário: 15h30

[31/07/2023 17:05] Pedro Bomba: Ótimo, Amauri! A entrevista será pra a rádio ou TV?

[31/07/2023 17:07] Amauri Lima: TV

[31/07/2023 17:07] Amauri Lima: é gravado

[31/07/2023 17:12] Pedro Bomba: Ótimo!

[31/07/2023 17:12] Pedro Bomba: Jaja te retorno confirmando

Ele me pediu esse tempo para poder confirmar porque a liderança do movimento mora no povoado Areia Branca, em Aracaju, e precisaria ver a logística de tempo para acertar o horário da entrevista (o povoado fica depois do Mosqueiro, bem distante do centro da cidade, onde fica a TV). O planejamento era realizar a entrevista na quarta-feira, mas Pedro informou que a entrevistada também era diarista e nesse dia estaria trabalhando em uma casa. Remarcamos para a quinta, 16h30.

[01/08/2023 07:42] Amauri Lima: Bom dia, Pedro!

[01/08/2023 07:42] Amauri Lima: Temos vaga sim

[01/08/2023 09:19] Amauri Lima: 16h30 na quinta

[01/08/2023 09:19] Amauri Lima: conseguimos?

[01/08/2023 09:22] Pedro Bomba: Combinado!!!

[01/08/2023 09:22] Amauri Lima: Ótimo 🙏

[01/08/2023 09:22] Amauri Lima: Depois me fala quem vai ser o/a entrevistada

[01/08/2023 09:30] Pedro Bomba:

Adriana Hora - marisqueira e liderança do Movimento das Marisqueiras de Sergipe ,
Povoado Areia Branca

Karol Coelho - Assessora Técnica do Movimento das Marisqueiras de Sergipe

[01/08/2023 09:38] Amauri Lima: obrigado ;)

Não perdi a oportunidade também de começar a criar um laço e falar sobre possibilidades para o meu TCC. Ele me contou sobre sua experiência no TCC também com livro-reportagem e se disponibilizou para ajudar com meu trabalho:

[01/08/2023 09:51] Amauri Lima: Quando tiver eventos das marisqueiras a gente pode ir se falando

[01/08/2023 09:52] Amauri Lima: Inclusive, eu estou no processo inicial do TCC e pretendo escrever um livro-reportagem sobre as relações do mangue com a cidade de Aracaju e abordar várias temáticas sobre isso (conflitos, benefícios, as marisqueiras também)

[01/08/2023 09:53] Amauri Lima: Quando tiver consolidado eu posso entrar em contato com você para articularmos a participação do movimento no livro?

[01/08/2023 09:57] Pedro Bomba: Pode sim, Amauri. Conte comigo, o meu TCC na ufs também foi um livro reportagem sobre a situação dos guarani kaiowá no MS. Na época trabalhava como repórter para o Tribunal Popular que era uma organização de direitos humanos que atuava com o povo guarani no Mato Grosso do Sul

[01/08/2023 09:58] Pedro Bomba: Conte comigo tanto pras questões sobre mangue e marisqueiras, quanto sobre a realização do livro reportagem

[01/08/2023 10:02] Amauri Lima: Muito obrigado, Pedro 😊

Entrevista marcada. Chegamos ao dia 03/08, quinta-feira.

[3/8 14:50] Amauri Lima: Oii Pedro

[3/8 14:50] Amauri Lima: Boa tarde!

[3/8 14:50] Amauri Lima: Passando pra confirmar as entrevistas hoje a tarde, 16h30

[3/8 14:50] Amauri Lima: tudo certo?

[3/8 14:52] Pedro Bomba: Tufo certo!@

[3/8 14:59] Amauri Lima: Maravilha ☺

Às 16h10, a repórter, Selma Souza, chega na TV depois de já ter feito as pautas da rua e vem me perguntar mais detalhes sobre o evento (para se preparar melhor para entrevista). Ela também me pergunta se os entrevistados são um pessoal que estava na recepção. Até então, não tinha visto que eles haviam chegado, eram 16h20. Foi então que olhei o celular e vi a mensagem de Pedro, às 16h11, avisando que já tinham chegado.

Fui cumprimentá-los e recebê-los na TV. Pedro me apresentou à Adriana e conversamos brevemente. Perguntei sobre Karol e ele me disse que ela não conseguiria vir. Fui então avisar a Selma que já poderiam gravar e avisar que a outra entrevistada não estaria presente. Tudo certo, entrevista gravada (fiquei também acompanhando, ao fundo). Eu e Pedro nos despedimos com um abraço e reiterei a presença no evento, no dia seguinte.

Finalmente chegamos ao dia 04/08. Queria muito ir para o evento, e estava decidido que ia, mas um tanto desanimado por ir só, sem companhia. Chegando no final do expediente na Aperipê, Laura comenta que o namorado e amigos estavam vindo para cá, para irem ao evento também. Me deu um gás, combinamos de nos encontrarmos lá. Laura foi direto da Aperipê. Eu fui para casa tomar um banho e me arrumar, porque já tinha passado a manhã toda na UFS, tava um caco.

Cheguei no museu às 19h10 e a mostra dos curtas começaria às 19h30. Na entrada, pediram que assinasse a lista de presença, mas tinha uma fila enorme de pessoas para assinar. Fiquei nela e fui me comunicando com Laura (que já estava dentro da sala) para saber se ainda tinham lugares. Tinha, um bem ao lado deles. Ainda na fila encontrei com Pedro Bomba, conversamos ligeiramente, pois estava agitado com a organização de tudo.

O relógio marcava já 19h29 e ainda tinham muitas pessoas na minha frente para poder assinar a lista. Vi Pedro entrando na sala e Laura me confirmou que já estavam se organizando para começar. Desisti da lista e fui para a sala de exibição. Foi simplesmente sensacional tudo que aconteceu naquela sala. As marisqueiras iniciaram com uma apresentação teatral que representava várias questões que afetam seu processo de catação: a saída de porta em porta para chamar as companheiras, os dilemas com a violência doméstica ao chamar uma companheira e ela não poder ir porque o marido proibiu e bateu nela, o impedimento do acesso à área de mangue pela construção de empreendimentos, etc. E encerraram a apresentação cantando o hino das marisqueiras (que descobri recentemente ter sido escrito por Pedro).

Após isso, a noite seguiu com a exibição de dois curtas: “Minha amiga Gilza” (25 min), com direção de Pedro Bomba; e, “Carta às Marisqueiras” (13min), com direção da Foco Usina de Arte Cênica. A exibição foi encerrada com uma reflexão da filha de Gilza sobre esses processos e todas se juntaram e vocalizaram um trecho do hino como “grito de guerra”: “Somos mulheres marisqueiras! Rainhas do mangue, somos guerreiras!”. Esse momento foi tão forte, cheio de poder e empoderamento que as lágrimas só vinham aos olhos. Percebi, então, que os rumos do meu TCC seriam outros. Agora, o foco não seria mais o mangue, e sim as mulheres marisqueiras.

Terminada a sessão, era hora do coffee break/coquetel de abertura e eu estava decidido a procurar Adriana para ter uma conversa inicial sobre o projeto do TCC e sobre eu começar a fazer parte também do dia a dia delas na mariscagem. Procurei por ela, mas não a encontrei.

Vi uma das mulheres que faz parte do MMS e fui perguntar se ela sabia onde Adriana estava. Me surpreendeu, porque ela disse que era prima de Adriana e ficamos conversando. Junto dela, também conheci a Gislei, professora universitária no sul do país que está fazendo o pós-doutorado dela na UFS. Apresentei meu projeto para ambas e ficamos conversando sobre a vivência delas na mariscagem (Gislei inclusa, porque também está fazendo um trabalho imersivo com elas).

...

3. Guia de Campo – questões a serem esclarecidas

Pensando por capítulos:

1. Preparação para a pesca

- Como é essa rotina de ir à pesca todos os dias?
- De que forma se juntam para ir ao mangue? Vão a pé? Combinam um lugar? Cada uma vai por si só? Vão juntas? Etc
- Qual roupa utilizam no mangue? Existe alguma que é de confecção própria?
- outros utensílios levados para o mangue - alguma ferramenta feita por elas? (grades de ventilador - servem de peneira para lavagem dos mariscos ainda no rio)
- repelente, protetor solar, chapéu, blusa de manga, calça ou short... trazer características, texturas, cores, marcar detalhes no texto.

0. Catação

Possíveis fontes institucionais: professor de antropologia/sociologia (já tenho contato - Luiz Gustavo) para explicar as relações grupais e o porquê da segurança em andar em grupo. A mariscagem não é um processo solitário. Acho que essa reflexão sobre grupo entraria mais profundamente no último capítulo e nesse seria algo pontual.

- Como se comunicam dentro do mangue?
- Quais os percursos são feitos?
- Quanto tempo?
- Quais os perigos? O mangue tá poluído? (ja disseram que não, é bem limpo, mas ainda encontram uma coisa ou outra) - Adriana comentou que existe uma espécie de ong chamada Anjos do Rio (confirmar o nome) que faz a catação de lixo do mangue.

- narrar doenças e injúrias causadas pelo mangue? fiquei me perguntando agora aonde isso apareceria, seria um novo capítulo?
- narrar sentimentos do processo de catação (cansaço, calor, dor, etc)
- falar sobre o acesso ao mangue? ou seria mais um capítulo?

0. **Diversidade de mariscos catados** (Maré viva - possível título; é uma fazenda da maré)

Possíveis fontes institucionais: algum professor de biologia especializado em biologia marinha/cristáceos/invertebrados/zonas costeiras - não tenho contato, mas tenho facilidade no acesso

- falar sobre os mariscos e outros animais catados no mangue. descrever características, gostos, cheiros, técnicas de manejo, etc.

0. **Volta**

- o que é feito na volta para casa do mangue?
- como os mariscos são transportados de volta?
- como elas estão se sentindo? Existe uma ansiedade em voltar para casa?
- ansiedade de voltar? Ansiedade de conseguir levar alimento? Ansiedade de não ter o suficiente para comer e vender? Quais os sentimentos que surgem nesse caminho da volta??
- como é feita a divisão dos mariscos de cada uma?
- falar sobre o tratamento dos mariscos logo depois que elas catam, chegam e já vão catando o sururu, ostra, para tirar do casco e assar - esse assar é feito com lenha que elas mesmas pegam nos arredores e com casca de coco seca, isso porque não há dinheiro para o gás, seria um gasto a mais.

0. **Venda e subvalorização** (Da cata ao prato - foi o nome do evento e pensei que poderia ser um possível título)

- o que é feito com os mariscos depois da catação no mangue? Falar sobre os diferentes tipos de preparo para a venda. Nilza, por exemplo, já vende eles cozidos/pré-cozidos, as porções em sacos. A divulgação é no WhatsApp - outros meios de comércio além das feiras.
- falar sobre a desvalorização do preço e do trabalho exercido na catação. Pechincha e afins.

0. **Reunião em Coletivo** (Rainhas do mangue, somos guerreiras!)

- falar da junção delas, enquanto grupo, e enquanto movimento.
- se sentem amparadas pelas leis de proteção? Se sentem seguras em exercer a profissão diante de problemáticas como o cercamento dos terrenos? - aqui abordaria mais a fundo a questão com Grazi, marisqueira que já foi ameaçada de morte por um proprietário de terreno que cercou o local e impediu de acessar o mangue.

Possíveis fontes: Cristiane Vieira - coord. do movimento das mulheres marisqueiras de Sergipe (ela é de Estância); Wellington Quilombola - coord. do Fórum de Povos e Comunidades Tradicionais de Sergipe.

- de acordo com Wellington, a Petrobrás está há 12 anos sem compensar comunidades costeiras das regiões sul, norte e centro-sul do estado pela extração de combustíveis fósseis que prejudica essas comunidades. Além disso, ele também falou sobre a facilitação da adema em conceder liberações (licença ambiental) para carcinicultores.

4. Espelho do livro



Amauri Lima

Rainhas do Mangue

Vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe

CAPA



Contra-capa





Rainhas do Mangue



Falso rosto





ilustração da capa

verso do falso rosto





Amauri Lima

Rainhas do Mangue

Vivências de mulheres marisqueiras em Sergipe

rosto

2024





Página de créditos e ficha catalográfica



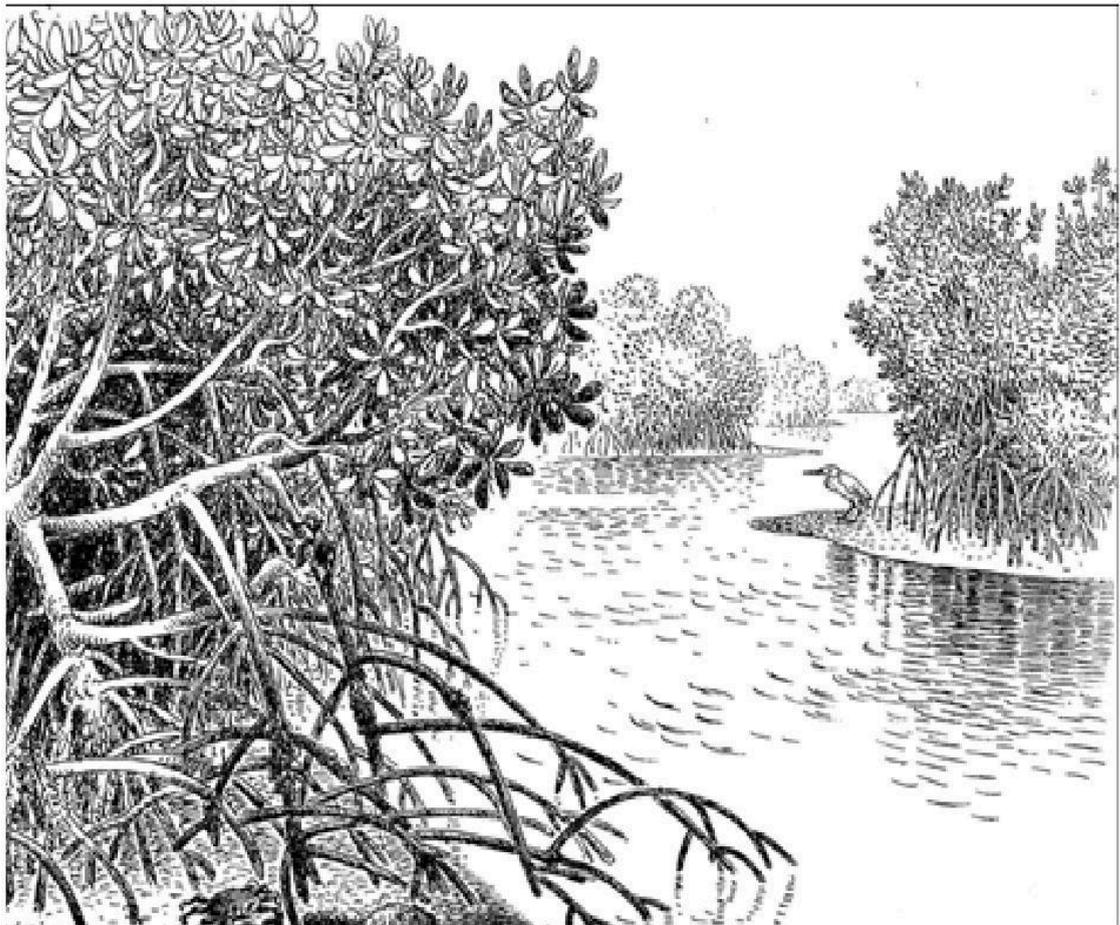


Dedicatória





imagem de referência





Prólogo: Minha vida é o mangue

O sábado, 27 de janeiro de 2024, foi, para mim, um dia atípico. Foi o dia em que este livro começou a tomar forma, sair do imaginário e virar algo concreto, palpável. Na quinta-feira anterior, um misto de sentimentos entre ansiedade, medo e preocupação tomavam o lugar de todos os meus pensamentos. Havia mais ou menos um mês e meio que tentava marcar minha primeira ida ao povoado Areia Branca, na Zona de Expansão de Aracaju, onde encontraria Adriana, Nilza e outras mulheres da comunidade de marisqueiras e pescadores que moram neste lugar. Mas, eu não recebia uma confirmação de quando eu poderia ir de nenhuma delas. Até o sábado, quando tudo começou a acontecer.

Edenilza Nascimento e Adriana Hora fazem parte da mesma família, são primas, e desde pequenas vivem da mariscagem. Acompanharam seus pais no trabalho, depois começaram a se aventurar sozinhas, com a riqueza tirada do mangue construíram família. Conheci ambas quando o Movimento das Mulheres Marisqueiras de Sergipe (MMS) realizou um evento no Museu da Gente Sergipana, em Aracaju/SE, e Adriana deu uma entrevista





na TV onde eu estagiava, para falar sobre o evento. Enxerguei ali uma possibilidade para o meu livro.

No museu, acabei conhecendo Nilza (como todos a chamam) enquanto procurava por Adriana. Fiquei a maior parte da noite conversando com Nilza, tiramos fotos e trocamos contato. Acabei não encontrando com Adriana, em meio a tudo que acontecia. Isso aconteceu muito antes de iniciar a escrita do meu projeto de TCC, e, com o tempo, esse contato foi se perdendo.

No mesmo evento, também conheci Gislei, que é professora da área de psicologia e está fazendo seu doutorado na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Ela faz parte do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (Peac) e foi muito importante nesse meu processo de contatar as marisqueiras. Ela me ajudou e deu algumas orientações sobre como encaminhar e retomar o contato com Nilza.

Apesar disso, a falta de resposta já me fazia pensar em alternativas como buscar outros grupos de marisqueiras e ir a outros locais. Enquanto isso, pensamentos também sobre a mudança do formato do que eu produziria, hora ou outra, ressurgiam com mais questionamentos. Tenso e sem respostas, fui encorajado a fazer uma ligação, ao invés de manter a comunicação por mensagens. E foi o que fiz. Liguei algumas vezes para Nilza. Sem sucesso. O tocar de chamadas na ligação parecia não ter fim e, ao final, a única voz que ouvia era a da mensagem da caixa postal.

Achei que não tinha o contato de Adriana, outra marisqueira, mas um lampejo de memória me lembrou que Pedro Bomba – jornalista e poeta, que faz um trabalho de assessoria junto a essas marisqueiras – já tinha me enviado esse contato, anteriormente. Liguei para Adriana, também não fui atendido. Insisti. Na terceira





ligação fui surpreendido com o som de sua voz respondendo ao meu chamado.

– Alô!? – disse ela, insegura.

– Alô, Adriana? É Amauri! Lembra de mim? – estava animado com o contato.

– Amauri... – ela não lembrava. Então, tentei clarear sua memória.

– É Amauri, amigo de Pedro, lembra? Ele me passou seu contato pra gente poder conversar sobre o meu projeto de TCC.

– Ah, sim! Oi, Amauri! Tudo bem com você? Quanto tempo...

– Tudo bem sim! E com você!?

– Por aqui, tudo certo! – disse Adriana, animada.

– Veja, eu queria ver com você se nesse final de semana eu não poderia ir aí em Areia Branca pra conversar com você sobre o projeto, o que eu tô pensando em fazer, pra gente poder combinar certinho...

– Vamos sim, vamos! Que dia você quer vir?

– Que dia ficava melhor pra você, no sábado ou no domingo?

– Venha no sábado. Que horas você vem? Quer vir mais cedinho, mas 7h ou 8h? Ou vem mais tarde? Umas 10h?

– Pode ser cedo mesmo, umas 8h. Combinado?

– Pronto, combinado então!

– Obrigado, Adriana! Até mais!

– De nada, meu querido. Até!

Quando essa ligação terminou foi como se um peso enorme





tivesse saído das minhas costas. E por mais clichê que essa frase seja, foi literalmente essa sensação que tive. Finalmente as coisas estavam dando certo! Comemorei, apesar de ainda aflito com o pouco tempo que eu teria para produzir tudo. Pela tarde, fui ao estágio, como de rotina. Escrevia uma pauta quando fui surpreendido por uma ligação de Nilza – ela tinha visto minha ligação mais cedo e só conseguiu retornar por volta das 15h30. Conversamos sobre a vida, sobre as chuvas e falei que iria na casa de Adriana para falar sobre o livro. Marcamos de nos encontrar lá também. Assim, estava tudo certo para começar a contar essa história.

Sexta-feira, à noite, eu estava pesquisando como seria o trajeto até lá. Moro um pouco distante, cerca de 50 minutos de carro (a depender do trânsito) e pouco mais de 2 horas de ônibus. Meu planejamento, antes, era ir de ônibus, mas a demora era um empecilho. Por isso, pensei na solução de meu pai me levar (e acabaria ficando comigo até a volta, já que também não compensaria ele ir duas vezes para lá, pela distância). Chegando em casa conversei com meus pais e combinamos a ida.

Assim fomos, eu e ele, no sábado 27 de janeiro. O dia amanheceu de um jeito diferente. Estava nublado e com um clima frio, diferente dos últimos dias. Ainda assim, foram os primeiros raios de sol que me acordaram, antes do despertador, por volta das 5h. Estava ansioso para o encontro. Me arrumei sem prestar muita atenção na hora, tudo que se passava na minha cabeça era chegar no horário combinado.

Já estava pronto antes das 6h e fui comer alguma coisa antes de sair. A empolgação era tamanha que não tinha sequer conseguido fechar um roteiro de entrevista bem estruturado. Minha vontade era chegar lá e receber o que estivesse me esperando. E sentia ter muita coisa à espera. Saímos de casa antes por volta das 6h30





da manhã com destino à casa de Adriana.

O clima chuvoso e o vento gelado aumentavam ainda mais a ansiedade no meu peito. No percurso, eu e meu pai não conversamos muito, o silêncio predominava na maior parte do tempo. Vez ou outra era quebrado pelo vento forte, pelos respingos de chuva batendo no teto do carro ou pelos barulhos dos carros na rua. Foi uma longa viagem até o povoado. A cada metro percorrido estávamos mais perto do destino e um misto entre ansiedade e nervosismo ia surgindo dentro de mim.

Na noite anterior Adriana tinha me enviado um áudio, junto à localização, explicando detalhes de como chegar em sua casa. Ela mencionou um lugar conhecido pelos moradores como “esquinão” (seria a “entrada do povoado”), mas não o identifiquei e seguimos o caminho apontado pelo GPS. Viramos à direita, na esquina de um posto de gasolina e chegamos ao povoado por uma rua de terra seca e bem estreita, delimitada apenas pelas cercas dos terrenos que a rodeavam.

Dois carros não conseguiam passar por ali ao mesmo tempo e fiquei me perguntando como o ônibus também passava por ali, já que eu pensava ser o mesmo caminho da rota que tinha pesquisado no dia anterior. Seguindo o caminho, vimos que grande parte das ruas tinha o mesmo estilo, sempre muito estreitas. No caminho, inclusive, demos de frente com outro carro que vinha na direção oposta; ele voltou e nos esperou passar.

O caminho era irregular. No trajeto, éramos embalados pelo balançar do carro quando, constantemente, passávamos por buracos e trechos desnivelados das ruas de terra batida do povoado. A paisagem que nos recebia era típica das pequenas cidades do interior. Alguns terrenos cercados por cercas, outros nem isso; as casas de alvenaria, também construídas de forma irregular ressaltavam o que Adriana dissera na noite anterior:





aquela região era uma espécie de loteamento, mas as pessoas só foram chegando e construindo suas casas, sem seguir um padrão tanto para as moradias, quanto para as ruas. Assim seguimos até a casa de Adriana, num labirinto de ruas estreitas que parecia não ter fim.

Quando viramos a esquina, já na rua da casa de Adriana, o cenário ficou ainda mais interiorano. As casas dessa rua ficam de frente para um terreno, cercado, mas que não possui nenhuma construção. Alguns coqueiros, algumas outras árvores e muito mato. Avançando um pouco mais na rua, avistamos um homem, entre 40 e 50 anos, que estava em pé, embaixo de uma árvore, num local que parecia uma casa improvisada, tomando uma cerveja e ouvindo música num som que tocava de algum canto daquele lugar. Ele ficou nos observando enquanto passávamos por ele, até chegar na casa de Adriana.



Era como se fosse o guardião daquele lugar. Nos encarou com certa curiosidade, parecia estranhar aquele carro passando por ali em seu horário de lazer. Seguimos até a outra esquina da rua e eu não conseguia identificar qual era a casa certa. Paramos ali mesmo, eram 7h30 de uma manhã preguiçosa de sábado; não havia movimento algum, a não ser o senhor que se divertia com sua música e sua cerveja. Eu e meu pai achamos melhor ficarmos ali, parados, enquanto eu tentava me comunicar de alguma forma com Adriana.



Paramos ao lado de uma estrutura semelhante à que o senhor aproveitava sua manhã de sábado. Era como se fosse uma mini sala de estar ao ar livre: a estrutura era feita de madeira e sustentava telhas teflon que cobriam dois sofás, um vermelho e outro marrom, manchados pelo tempo; uma pequena mesa branca que aparentava ser construída em MDF; algumas cadeiras e bancos; uma pia em alvenaria; lenhas e algumas plantas. Ao





lado, algumas galinhas circulavam pelo terreno.

Confesso que estava um pouco preocupado com o horário. Certo que tínhamos combinado de nos encontrarmos entre as 7h e 8h, estava dentro do meu limite, mas receoso de ter ido muito cedo (e esse medo se confirmaria mais a frente). Liguei a primeira vez e ela não atendeu.

– Será que ela ainda tá dormindo? – me perguntou meu pai, sem entender o que acontecia. – Você veio acordar a mulher, foi?

– Não sei... eu espero que não – respondi apreensivo de que fosse esse o motivo de eu estar sem resposta.

Enquanto estávamos lá, parados e dentro do carro, pessoas que moravam na casa vizinha à da esquina chegavam em um carro cinza com algumas malas e mochilas. Pareciam estar chegando em casa e ao mesmo tempo saindo. Em outra casa próxima, uma moça apareceu na porta, quando um carro de aplicativo chegou, ela entrou com a filha, que estava de farda e mochila para ir à escola. Enquanto isso acontecia eu resolvi abrir a porta do carro e sair um pouco de dentro, porque o calor já era intenso e lá dentro estava cada vez mais abafado. A previsão do tempo, no celular, marcava os 30 °C. Liguei uma segunda vez para Adriana, ela não atendeu.

Nesse momento já achava que painho estava certo. Chegamos cedo demais e ela estava dormindo ou tinha esquecido que tínhamos combinado um encontro. Minha salvação seria Nilza, que também sabia que eu viria cedo, então resolvi ligar para ela. Sem sucesso, ela também não atendeu. Já estava sem saber o que fazer, com receio de ficar lá esperando e ninguém aparecer, de meu pai se estressar pela espera no sol quente, por não conseguir seguir com o projeto.





Esperei um pouco mais, até chegar perto das 8h para fazer mais uma tentativa de contato com Adriana. Liguei mais uma vez, já sem esperanças. A ligação chamava, mas ninguém parecia atender. Os toques entravam em descompasso com meu coração, já acelerado. Quase desligava o telefone quando fui surpreendido por uma voz familiar.

– Alô? – disse ela com uma voz sonolenta.

– Oi, Adriana! É Amauri. Tudo bem? – falei empolgado por, finalmente, alguém ter atendido o celular.

– Oi querido, tudo bem sim e você?

– Eu estou bem! Tô aqui no endereço que você me mandou, eu só não sei qual é a sua casa...

– Ah! É você que tá nesse carro cinza da esquina?

– Isso, sou eu sim!

– Menino, você chegou cedo né!? Não tava esperando você aqui tão cedo assim!

– Pois é, mulher! Mas a gente não tinha combinado de se encontrar nesse horário? – disse um pouco risonho.

– Foi mesmo! Mas você madrugou aí né!? – disse ela em meio a algumas risadas. – Eu já vou descer, espere só um pouquinho, tá bom?

– Tá certo! Espero sim. Até mais!

– Até, querido!

Confirmei o que estava pensando, ela ainda dormia quando chegamos e eu a acordei com minhas ligações. Estava, agora, me sentindo envergonhado pela situação, mas respirei e segui em frente.





– A casa dela é essa aqui da esquina? – perguntou meu pai assim que desliguei o telefone.

– Eu não sei, pela localização era pra ser... – respondi em um tom duvidoso.

– Eu acho que deve ser. Teve uma hora que apareceu uma mulher alí naquela janela quando você falou que tava aqui na esquina.

Esperamos até que ela tomasse um banho, até que bem rápido, e descesse para falar comigo. Saí do carro para esperar. Era perto de 8h30 quando vejo Adriana saindo da casa da esquina e vir em minha direção.

– Menino você madrugou aqui né!? Como você tá? – falou ela ainda um pouco atordoada por levantar e ter se arrumado tão depressa.

– Tô bem, mulher! Desculpe eu ter te acordado assim... – falei um tanto envergonhado, ainda.

– Tudo bem, querido! Relaxe. Venha, sente aqui.

– Esse é meu pai, veio me trazer aqui. – eles se cumprimentaram e ela já foi me chamando para sentarmos nos sofás que estavam próximos ao carro, na sala ao ar livre que vimos ao chegar.

– Venha! Vamos sentar ali pra conversarmos.

Sentamos nos sofás e eu comecei a explicar o objetivo do meu trabalho, o que eu queria e como estava pensando em fazer. Ela ficou empolgada com a ideia e logo se mostrou disposta a contribuir com o que estivesse ao alcance dela. Sempre com um sorriso no rosto e um olhar curioso, Adriana prestava bastante atenção no que eu dizia e isso já me deixava muito mais feliz, pela receptividade e disposição. Via, ali, as portas se abrindo para este livro.





– Eu queria conhecer também um pouco de você, da sua história, como começou a ir pro mangue... Quem é Adriana?

– Bem, eu nasci e me criei aqui em Areia Branca. Desde pequena eu já ia pro mangue com a minha mãe. Ela também é marisqueira, então sempre levava a gente pra ir pro mangue com ela. E assim a gente foi aprendendo. No começo ela não deixava a gente ir pra dentro do mangue não, pequena né!? Então a gente ficava na beirada só catando o que tinha por ali: um maçunim, um sururu... Depois, quando a gente já tava maior é que a gente ia junto dela, pra pegar ostra, pegar sirí, os caranguejos de andada, montar as ratoeiras. Tudo isso a gente, eu e meus irmãos já fazíamos com ela.

– E são quantos irmãos que você tem?

– São dez, no total. Minha mãe teve seis mulheres e quatro homens. E todos também trabalhando com a pesca. A gente fez a nossa vida disso. Eu criei meus filhos da pesca. Tudo que eu tenho hoje foi graças a pesca e o trabalho de todos esses anos. E que não é só da pesca também, né!? Você sabe, já deve ter visto que pra viver só da pesca, hoje em dia, não tem condições. Então, além de ir pro mangue pra catar ostra, sururu, maçunim, enfim, tudo que você imaginar a gente cata; mas além disso, eu também trabalho em casas, fazendo congelamento e trabalho numa chácara aqui perto.

– Como é esse congelamento mesmo? É só de mariscos? Você já tinha falado disso outra vez, mas eu não tinha entendido muito bem.

– Então, o congelamento que eu faço é de comidas, de tudo. Tanto mariscos quanto outras comidas. Eu vou pra casa da pessoa que me contrata e ela me fala ou eu pergunto: “ah, pra essa semana eu quero isso e aquilo”, “eu quero um purê, arroz, feijão”... tudo que você imaginar. Aí a pessoa me diz o que quer comer naquela semana, eu cozinho, separo as porções do que





ela vai comer por dia e congelo. Depois ela só tem o trabalho de pegar o que já tá pronto, esquentar e comer.

– Ah sim! E o trabalho na chácara, como é?

– Na chácara eu só vou trabalhar quando eles vêm pra cá. Às vezes tem uma festa ou vem mais gente, pra aniversário, essas coisas e eu vou lá pra cozinhar também. Café da manhã, almoço, jantar, tudo. E eu vou só, eu prefiro. É melhor ir só do que se estressar com alguém que você vai ter que ficar mandando fazer as coisas. Só quando tem algum aniversário que vem muita gente ou uma festa maior assim que eu peço pra minha patroa pra contratar pelo menos mais uma pessoa pra me ajudar, lavar a louça, essas coisas, pra adiantar meu lado também.

– E no mangue, como é o trabalho? Você vai todos os dias da semana, quando não tá fazendo congelamento ou na chácara?

– Não, todo dia não. Não tem como ir todo dia pro mangue. Pelo menos eu, vou uma vez só no mangue, porque tem as coisas de casa e ainda tem que tratar o que a gente pega, né!? Quando tá mais folgado, eu vou duas ou três vezes, mas geralmente é só uma mesmo. Aí, dependendo, a gente faz assim: vai um dia no mangue e pega tudo que tem que pegar sururu, ostra, siri, maçunim, caranguejo... a gente já trata ele, limpa toda lama lá no rio e traz ele pra casa mais limpinho. Depois, a gente cozinha eles pra poder tirar de dentro da casca e separar pra vender depois. Então demora quase uns dois dias pra fazer isso. Aí não dá pra ir todo dia, né!?

– Eu não sabia que demorava tanto assim...

– Pois é! Mas isso depende também, se for com mais gente e todo mundo se juntar, dá pra fazer tudo num dia só. O problema também é o cansaço que a gente fica depois, né!? Acorda no outro dia morta, com dor nos braços, nas pernas, a coluna... tudo! Sem falar no sol, também, que deixa a pessoa enfadada.

– Uhum... e com relação à realidade lá dentro do mangue,





vocês encontram muita sujeira... como é essa área daqui com relação à poluição?

– Não, não. Nosso mangue aqui é uma maravilha! A gente não encontra quase nada. Vou te falar, umas coisas que eu tenho o maior prazer de falar é que o nosso mangue não é poluído! É difícil encontrar alguma coisa assim de lixo por lá, não só porque nós marisqueiras e pescadores cuidamos, mas também porque aqui nós temos um grupo, chamado “Anjos do rio”, que faz a limpeza do mangue com frequência. – disse ela orgulhosa.



O Anjos do rio é um projeto da própria comunidade do povoado que se reúne para fazer a limpeza e coleta de lixo em toda a extensão de mangue que está ali próximo, como também outras localidades nos bairros São José e Mosqueiro. O pescador Marcos André é quem coordena o projeto, que já atua há mais 8 anos, e ele me contou como tudo começou lá atrás:

– O Anjos do rio foi criado quando um grupo de pescadores estava pescando lá pela Croa do Goré (uma faixa de areia acessível apenas por algumas horas do dia no rio Vaza Barris, na região da Orla Por do Sol) encontrou por lá uma tartaruga morta. Ela estava com uma sacola plástica presa na boca e isso chamou muito a atenção da gente. Então, depois disso, em 26 de janeiro de 2016, os próprios pescadores, que também são moradores daqui, se juntaram e formamos o Anjos do rio. Todas as pessoas que fazem parte são pescadores que moram aqui em Areia Branca mesmo, no Mosqueiro, e pelo menos uma vez no mês a gente junta uns dez barcos e sai pra fazer a limpeza. Geralmente, a gente faz isso num domingo, porque todos também trabalham. Você tá fazendo seu trabalho e sabe que o pescador pra viver só da pesca hoje não dá né?

– Verdade! A maioria tem que correr atrás de outra coisa





A cada coleta de lixo retirado do rio, os barcos voltam cheios. Foto: arquivo pessoal.



Seu Marcos (ao centro) lidera os voluntário no trbalho de coleta. Foto: arquivo pessoal.





pra complementar a renda dentro de casa...

– Pois é! Tem que sempre tá fazendo alguma outra coisinha pra tá juntando, porque viver só da pesca hoje, infelizmente, é perdido. Aí, quando a gente consegue, fazemos essa saída duas vezes no mês: uma num domingo, como sempre tem, e outra no meio da semana, às vezes na quarta, porque depende de quando os meninos tão disponíveis pra ir. Daí a gente se junta e vai fazer isso. Atualmente, cerca de 38 pessoas participam do projeto ativamente, fora os que vêm de fora e ajudam também.

– Então, além dos próprios moradores, o projeto também é porta aberta pra quem quiser ser voluntário?

– Isso, todo mundo que quiser participar, a gente recebe de braços abertos. Quanto mais gente querendo ajudar a cuidar do nosso mangue, melhor ainda.

– E vocês têm alguma rede social ou algum outro lugar onde divulgam essas ações?

– Hoje, a gente não tem, faz mais de boca mesmo, com quem já faz parte do projeto. Mas sempre que tem gente querendo participar, a gente dá um jeito de levar. Aí, como eu tava dizendo, a gente reúne esses nove ou dez barcos e saímos pra tirar o lixo do mangue...

– E como vocês escolhem o local?

– Então, a gente vê onde que tá mais sujo e vai lá pra fazer o trabalho. Geralmente a gente vê por nós mesmos, no dia a dia da pesca. Sempre a gente vê um lugar que tá com mais lixo acumulado, então a gente conversa e vai lá pra recolher. E também a gente recebe ligações ou o pessoal comenta com alguém que faz parte do projeto, aí a gente fica sabendo e vai também no lugar pra recolher o lixo. Pra você ter uma ideia, toda vez que nós vamos, a gente volta com os dez barcos todos cheios de lixo, uma média de 800 kg de lixo que a gente tira de todas essas áreas daqui.





– E o que é feito com o lixo depois que vocês recolhem? Vocês têm alguma parceria com algum órgão ou é tudo por conta de vocês?

– A gente já fez algumas parcerias, mas é sempre tudo por nossa conta. Já tivemos uma parceria com a Sema [Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Aracaju] e a gente pediu a ajuda com a gasolina porque nossos barcos têm o motor de rabeta. Então, quando temos essas parcerias a gente exige, pelo menos, o valor da gasolina. O almoço fica mais por nossa conta mesmo, cada um junta um pouquinho de dinheiro e a gente compra ali no restaurante e leva uma cervejinha também. Você sabe né, pra pescador sempre tem uma cervejinha pra acompanhar – contou ele num tom descontraído. Perguntei novamente sobre o destino do lixo e ele retomou.

– Não é todas as ações que a gente tem essas parcerias, né? Mas já tivemos uma aqui na Orla pôr do sol com o CARE [Cooperativa dos Agentes Autônomos de Reciclagem de Aracaju]. E os demais eventos, nós solicitamos para a Emsurb [Empresa Municipal de Serviços Urbanos], pra que ela venha com aquela caçamba de lixo, aquela caixa grande, para a gente colocar todo o lixo recolhido na maré, dentro daquela caixa. Depois eles vêm, recolhem e levam pro aterro sanitário. Muitas das vezes não dá para ser reaproveitado. Uma vez, a gente fez aqui na Orla, e eles ainda levaram 600 kg de reciclado e ficou 860 de lixo e vasos que não tinham como ser reciclados mais.

– Seu Marcos, uma outra coisa que eu também achei muito interessante foram as lixeiras que estão lá na praia da Ribanceira. Foram vocês que implantaram elas lá?

– Isso! Ali são oito pontos de coleta de lixo que nós colocamos pra trazer também essa consciência tanto pros turistas como para a própria comunidade também. Porque essa região tem sido cada vez mais visitadas por turistas, né? Eles vêm passar o dia aqui, trazem sua comida e a bebida e acabavam





deixando as sacolas e as garrafas jogadas na areia mesmo. Então, pra evitar que acumulasse sempre esse lixo aqui, a gente colocou essas lixeiras pra que todo mundo passe a colocar o lixo no lugar certo e evitar ficar deixando aqui poluído.

???

Enquanto conversava com Adriana sobre a limpeza do mangue, Nilza se juntou a nós. Ela havia mandado mensagem, após ter visto minhas ligações, mas a atenção ao que Adriana contava, não me deixou notar as notificações no celular.

– Olhe ela aí, minha prima! – Adriana falou, sorridente, vendo Nilza chegar mais perto. Ela nos cumprimentou, nos abraçou e se sentou para conversarmos e nos conhecermos melhor.

– E você, Nilza. Me conte um pouco da sua história! Como você começou a ir pro mangue? Você ia com sua mãe, também?

– Isso! Eu ia com mamãe, e ela ia com minha avó. Foi uma coisa passada de geração. Só que ela não ia pra pegar sururu, ostra, maçunim... Aí, o que é que ela fazia? Ela pegava aratu e atirava às dúzias para vender. Quebrar ela nunca gostou, porque era muito trabalho. E o que ela pegava não dava para quebrar. Pegava às dúzias para vender e o pouquinho que ficava, cozinhava. Botava uma cebola, fazia um pirão e dava para todos nós comermos. Então, desde criança que ela pescava, minha avó. Ela não pescava porque meu avô era pescador. Nosso avô. E ele morreu com 49 anos de “apilamento”, como o povo chama, mas era circulação, por passar muito tempo dentro d’água. Ele pescava nas lagoas e lá para dentro da prainha, daqui, entrando dentro da Terra Dura para lá, tem um lugar chamado “Prainha”, que tinha um lago de água doce. Aí eles iam pegar um tal do “pacu” e outros peixes. E também umas caças que tem aí que eu não entendo. Não sei se

